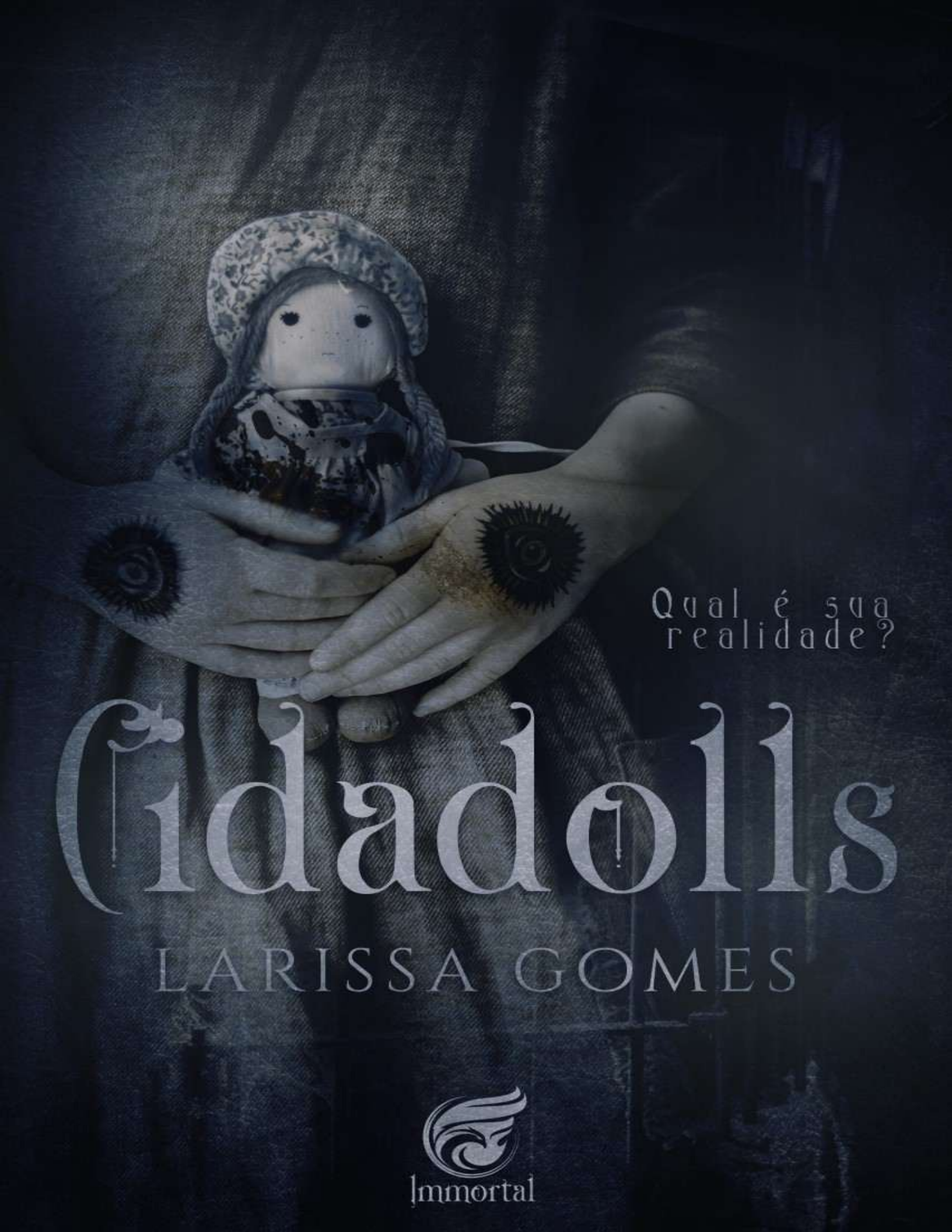




Qual é sua  
realidade?

# Cidadolls

LARISSA GOMES





Cidadolls

© 2018, Editora Immortal.  
Todos os Direitos reservados.

Ficha Catalográfica  
(Preparada na Editora)

Gomes, Larissa- 1998-  
G633

Cidadolls/ Larissa Gomes. 2ª Edição, 2018  
104

1. Literatura Brasileira 2. Terror 3. Ficção

Índices para catálogo sistemático  
Literatura brasileira, 869.935  
ISBN-13: 9781790186709

Revisão:  
Morgana Brunner  
Revisado de acordo com a Nova Reforma Ortográfica

Design de Capa:  
Bruna da Silva Rodrigues

Diagramação e projeto gráfico:  
Graziela Ramires



# Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Epílogo](#)

[O zodíaco em Ciudadolls](#)

*“Dedico essa obra a todos os que amam conhecer novos universos.  
Também aos apoiadores da minha arte, impulsionadores da minha  
confiança: Vicente Luiz e Sara Gomes”*

*-Larissa Gomes, autora.*





## Prólogo

*“Não está morto o que jaz inanimado, e em estranhas realidades até a morte pode morrer.”*

- H.P. Lovecraft

— Lá na casinha de bonecas, onde a vovó tricota ao lado, tem um mundo construído para nós. Um, dois, três, a escolhida é você. Um, dois, três... Venha, meu bebê — cantavam as crianças, pulando em uma roda perfeita.

As meninas com vestidinhos rodados de cores claras e delicadas. Os meninos em roupinhas de marinheiros e terninhos elegantes. Todos esperavam pelo chamado da vovó que levava uma criança por vez para a sua casinha especial de bonecas.

Dizia a senhora que a casinha era mágica e cabia uma criança por vez. Uma vez que entrassem, conheceriam outro mundo, onde tudo que elas pensassem se realizaria.

— Querida mamãe, querido papai, não fiquem tristes comigo... Seu bebê está seguro, seu bebê tem um abrigo

# Capítulo 1

Fred sentia o estômago embrulhar cada vez que o carro balançava, segurando-se no banco para tentar se concentrar em outra coisa além do cheiro de lama e esterco vindo da janela da frente levemente aberta. Era a primeira vez que viajava para tão longe, mas algo dizia que o seu melhor livro viria de *Cidadoll*; tinha lido um artigo sobre a cidade em um *blog* de fatos curiosos e se interessou pelo conteúdo, além de sentir algo estranhamente familiar vindo das palavras escritas na página.

*“Desde 1915, Cidadoll ficou conhecida como a cidade das bonecas. Apesar da fama dos brinquedos realistas, nunca teve grande movimento turístico por ser considerada distante e de difícil acesso.*

*Dividida por uma longa estrada de chão, que passa por uma escura floresta e corta um extenso pântano, muitos temem o possível não retorno da cidade. Ainda há relatos de que Cidadoll já foi denominada como o Vilarejo isolado.”*

Com o que leu e as histórias que coletaria no local, não teria como ser recusado por nenhuma editora. Teria um bom material em mãos e seu primeiro livro publicado.

— Ah! Por favor, não tem como ir mais devagar? — pediu Fred enquanto tentava abrir a janela, que parecia estar com o botão emperrado.

— Acalme-se, senhor. Já passamos pela floresta e estamos no meio do pântano. Por sorte a maré não está alta, se estivesse, teríamos que voltar — informou o motorista. — E essa janela não abre.

— Eu vou morrer antes de chegar em *Cidadoll*. — O jovem se deixou largar no banco gasto do carro e respirou fundo em busca de ar puro. Ao invés disso, o cheiro de lama se misturou com gasolina em suas narinas, fazendo-o ter uma crise de tosse.

— Calma, estamos quase chegando... — O homem riu vendo a irritação de Fred pelo retrovisor.

— Eu espero que sim! — Ele se aprumou novamente no banco, vendo a paisagem do lado de fora ficar escura e o sol se esconder por trás das árvores altas e finas.

— Só mais uma horinha — completou o taxista.

Fred entreabriu os lábios para retrucar, entretanto, foi interrompido pelo vibrar do celular no bolso do sobretudo bege. A tela acesa mostrava a palavra “Tânia” em letras azuis, abaixo da foto de uma mulher sorridente com os cabelos pretos presos em um coque; o jovem não hesitou em atender.

— Olá, Tânia. Sei que ligou por causa da viagem... Eu vou ficar bem, são só histórias.

— Tem certeza? — A voz do outro lado da linha perguntou em um tom preocupado. — Não é melhor escrever seu livro direto de sua imaginação, sem precisar correr atrás de perigo? E se voltar a ter aqueles pesadelos?

— Olha, é só uma cidade pequena. Não tem nada demais além de bonecas de porcelana — respondeu Fred, deixando-se largar novamente em um suspirar. — E quanto aos pesadelos, não tenho desde os quinze anos. Não como eram antes, com tantas imagens...

— Quando te adotei, você parecia tão amedrontado! Gritava todas as noites por causa dos pesadelos e...

— Estou tomando os remédios — interrompeu ele, esfregando as pálpebras com a mão livre. — Não parei, mesmo quando fui morar no prédio na quadra vizinha. Levo um presente de *Cidadoll* para você — mudou ele de assunto.

A mulher permaneceu um momento em silêncio, ouvia-se apenas uma

respiração cansada.

— Tudo bem, se cuida. Te amo, filho!

— Também te amo, m... Tânia! — Fred sempre teve um estranho bloqueio ao chamá-la de mãe, mesmo que sentisse grande afeto por ela.

Após desligar o celular, o jovem guardou o aparelho novamente no bolso, voltando o olhar pensativo para a paisagem que corria do outro lado da janela levemente embaçada. Os pinheiros da floresta escura e as nuvens carregadas fizeram as pálpebras de Fred pesarem e acabou vencendo o incômodo, adormecendo.

Durante seu sono o tempo pareceu correr, e Fred só acordou ao sentir o motorista empurrar-lhe levemente o ombro. O rapaz entreabriu os olhos pesados observando o grande portão de ferro enferrujado da entrada do local onde se hospedaria.

— Chegamos, senhor — afirmou o taxista em um tom mais apressado do que o comum.

— Quanto ficou? — perguntou o jovem enquanto retirava ‘a carteira do bolso das calças *jeans*.

— Duzentas libras. — O homem virou-se no banco estendendo a mão direita em cobrança.

O passageiro considerou o preço, até que não achou o valor muito alto, devido ao tamanho da viagem.

— Tudo bem, um momento. — Fred enfiou a mão no bolso do casaco e retirou duas notas de cem entregando ao motorista.

Ao descer do veículo, o contraste de temperatura fez com que o escritor esfregasse as mãos geladas. Uma leve neblina seca percorria pelo ar, envolvendo os pinheiros secos ao lado do portão que guardava o lugar; as árvores se mostravam apenas em troncos e galhos retorcidos, que se estendiam para as barras enferrujadas. Fred deixou-se distrair pela curiosa imagem, até ser despertado pelo som de suas malas jogadas ao lado, retornou o olhar para o taxista que já estava no carro.

— Boa sorte, senhor! — falou o homem mandando um aceno para fora da janela e arrancando o veículo em uma densa nuvem de poeira deixada no ar.

O escritor não se conteve em tossir, estreitando os olhos enquanto pegava seus pertences e seguia pelo portão entreaberto.

Uma trilha de pedra cortava o extenso quintal até uma grande casa; a única que Fred encontrou disponível para hospedagem, no mesmo *blog* que leu a

notícia sobre a cidade. Algo naquele lugar fez com que sentisse um leve arrepio, um pressentimento que não sabia distinguir se era bom ou ruim. Talvez fosse o canteiro de rosas mortas do lado direito da trilha, ou então o balanço de madeira que rangia amarrado ao carvalho do lado esquerdo.

— Você é o garoto que ligou? — Uma voz rouca e cansada soou atrás dele, fazendo-o se sobressaltar com o susto. Ao virarse, deparou com uma senhora de grandes e ondulados cabelos brancos soltos sobre os ombros.

*“De onde ela surgiu?”*

— Oi! Sim ... Eu liguei para marcar a hospedagem — respondeu ele, olhando-a ainda com certo receio.

Apesar de carregar um sorriso nos lábios, ela tinha um rosto quase cadavérico e olhos fundos de pupilas suavemente esbranquiçadas, os quais passavam um ar nada convidativo.

— Ótimo! Siga-me ... — Ela falou e passou por ele lentamente rumo à casa. — Aliás, me chame de Tilde. Eu cuido da casa.

— Fredderick Biersmich, mas pode me chamar de Fred.

— Eu sei. Meu neto me disse. — Tilde deu uma leve risada, dando um tapa fraco no ar.

— Foi com ele que conversei quando liguei? — indagou o jovem, franzindo o cenho ao lembrar da voz nada simpática que o atendeu na semana que passou.

A senhora subiu os pequenos degraus e retirou do bolso do avental rosa que usava sobre o longo vestido um molho de chaves antigas remexendo-o antes de selecionar uma de cobre.

— Sim, ele cuida praticamente tudo por aqui — respondeu ela, abrindo a porta em um ranger.

Fred entrou após ter a passagem liberada por Tilde, paralisando assim que passou do batente. O casarão era totalmente diferente da fachada, que mostrava a madeira desgastada e pintura decadente. Ele era... Ele era lindo!

## Capítulo 2

O interior do lugar era como uma casa de bonecas; enfeitado com papéis de parede rosa e azul, com vários brinquedos espalhados aqui e ali, sendo a maioria de porcelana. Fred permaneceu parado no batente com o olhar fixo nas cores e móveis, sentindo a respiração pesar e levou as mãos às têmporas massageando-as. Aquele lugar parecia tentar acessar alguma parte bloqueada em sua memória, fazendo-o se apoiar no cabideiro de madeira ao lado.

Flashes do orfanato que ficou até os treze anos invadiam a mente do escritor, em imagens de crianças correndo pelos estreitos corredores do local. No entanto, algo parecia diferente, as crianças usavam roupas diferentes e um grupo de freiras controlava-as.

— Vai ficar parado aí, menino? — Tilde retirou-o dos pensamentos, o que o fez sacudir a cabeça como se quisesse espantar aquilo tudo. — Vou preparar um chá, sintá-se em casa.

O escritor esboçou um sutil sorriso, observando-a se distanciar e retirou o sobretudo pendurando-o. Levou as malas até o início da escada caracol que levava ao segundo andar e deixouas lá, seguiu para um dos sofás da sala de estar.

— Há mais hóspedes nesta casa? — indagou ele após um suspiro de alívio por não estar sentado na poltrona desconfortável do táxi; esticando o pescoço para tentar ver a senhora na cozinha. Através da passagem em formato circular via-se um balcão de madeira que se estendia pelo lugar e virava parte de uma mesa.

— Hóspedes? — A sonora e estridente risada de Tilde ecoou pelo espaço, enquanto ouvia-se o barulho do tilintar das xícaras sobre os pires. — Não... Apenas duas pessoas vivem nesta casa: Eu e meu neto. Você, meu jovem, é o nosso primeiro e único hóspede.

Fred estranhou a fala dela, *“Como assim único? Onde os outros visitantes se hospedavam, então?”*.

— Então os visitantes ficam em um outro lugar? Um hotel...

— Muitos não ficam por aqui para passar a noite — interrompeu ela, surgindo no batente segurando duas xícaras de chá seguindo até o escritor e estendendo uma para ele. — E os que resolvem ficar... Como soube de *Cidadoll* mesmo?

— Vi sobre a cidade em um *blog*, daqueles repletos de histórias e lendas. Achei interessante — respondeu o escritor, bebericando o líquido adocicado. Sabia que estava se arriscando em uma cidade desconhecida, principalmente por não saber se aquele site era confiável ou não. Teve sorte de *Cidadoll* existir e não ser apenas uma *creepypasta*. — Além de ser um bom lugar para escrever meu livro.

— É corajoso, escritor... — Tilde esboçou um calmo sorriso, ressaltando as quase imperceptíveis sardas nas bochechas pálidas.

Fred retribuiu o sorriso, pousando a xícara sobre a mesa de centro. Ela não parecia mais tão assustadora como da vez que ela o recebeu, e de alguma forma passava um ar sereno e gentil.

— Talvez. — Ele levantou-se, ajeitando as mangas compridas da blusa preta que usava. Na verdade, se não fosse um estranho sentimento que tivera, ele nem teria viajado; foi como se uma necessidade o tivesse tomado, chamando-o para *Cidadoll*.

Tilde levantou-se e seguiu em passos lentos até escadaria. — Venha... — chamou ela. — Mostrarei seus aposentos.

Fred foi guiado para o quarto que ficava no segundo andar. Tilde selecionou uma chave prateada do molho e abriu a porta em um leve ranger, revelando o cômodo; o mesmo passava um ar reconfortante, o que fez o escritor esboçar um leve sorriso ao entrar no cômodo.

— Fique à vontade — disse a senhora. — A chave ficará na porta.

Tilde se retirou, deixando o jovem sozinho e encostando a porta atrás dele.

Fred desfez as malas, guardando os pertences no grande guarda-roupas no canto do cômodo e deixou o pequeno pote de remédios ao lado do criado-mudo; mesmo não tendo mais os pesadelos, deixaria os comprimidos perto da cama por precaução. Retirou os sapatos e sentou-se na beirada da cama, olhando-se no comprido espelho de moldura de madeira detalhada. Os orbes castanho-escuros mostravam um olhar cansado e os cabelos ondulados de mesma cor exibiam fios rebeldes caindo sobre a face do escritor.

— Eu preciso dormir — murmurou.

\*\*\*

Fred sentia o corpo inteiro formigar, remexendo-se na cama sem conseguir pegar no sono. Enfim rendeu-se, abrindo os olhos e voltando-se para o relógio analógico sobre o criado-mudo; os números embaralhados, tornando quase impossível saber as horas.

— Fred! — Ele ouviu claramente uma voz infantil gritar do lado de fora da casa. Levantou-se caminhando até a janela e puxou as cortinas roxas, observando o pátio pelas frestas da madeira.

Um garotinho segurando uma bola branca encarava-o em um olhar quase congelado. Suas roupas lembravam um pequeno marinheiro e com os pés descalços amassava a grama entre os dedos com uma teatral expressão tristonha.

— Brinca comigo, Fred ...? — murmurou o menino esticando os lábios em um largo sorriso logo após o pedido.

Biersmich sentia os batimentos acelerarem ao observar aquela imagem, sobressaltando-se ao ouvir aquele murmurar como se fosse um sussurro ao lado de seu ouvido.

Automaticamente caminhou para trás, tentando distanciar-se o máximo da janela até sentir as costas tocarem a parede. Virou-se para o interruptor e tentou acender a luz, porém, mesmo com a insistência do escritor o cômodo não se iluminava.

*“Isso está muito estranho ...”* Pensou, abrindo a porta do quarto. Sair daquele lugar parecia uma alternativa melhor. Entretanto, um corredor mal iluminado se estendia à sua frente rumo a um lugar incerto, deixando o escritor angustiado em qual escolha fazer.

— Fred, por que você não quer brincar comigo? — Ao ouvir novamente o sussurro do menino tão perto de si, ele instintivamente deu um passo à frente, colocando-se no sombrio corredor. Seus pés tocaram uma superfície viscosa e gelada muito semelhante a lama, e talvez fosse. Olhou para trás brevemente, como se repensasse na ideia de voltar, porém, a porta do quarto havia desaparecido.

— Olá?! — gritou ele e sua voz ecoou pelo local, sem resposta.

Aquela situação estava muito surreal, só poderia ser um sonho. Fred resolveu tentar não sentir medo, controlar-se... Sempre teve pesadelos quando



era criança, não se alteraria. Deu um passo à frente, notando a sola do pé afundar mais na massa densa e secou o suor frio das mãos na calça do pijama azul.

Ao longe, ouviu-se o quicar de uma bola que se aproximava em um som ritmado. Fred respirou fundo e ergueu o queixo, seguindo firmemente pelo corredor ignorando o fato de afundar a cada passo.

“Acorda... Acorda...” pensava ele, em desespero interno, quando observou a imagem do menino surgir diante dele. O olhar do pequeno se igualava ao do escritor, percebendo-se que ele já estava com a lama na altura do tronco.

— Você é um garoto muito mau, tio Biersmich! — falou o menino em uma voz rouca, segurando a cabeça de Fred em uma força anormal.

— Eu... Eu não entendo! — Os olhos de Fred marejaram, enquanto ele se debatia na lama na tentativa de escapar, sem sucesso. A pequena mão pressionava a cabeça do escritor para baixo, afundando-o por completo.

\*\*\*

Fred em um impulso sentou-se na cama apertando fortemente os lençóis brancos. Diante dos olhos marejados do jovem, imagens do pesadelo ainda vagavam como formas dançantes no papel de parede à frente. Voltou-se rapidamente para o criado-mudo, procurando o pote de remédios, no entanto eles haviam desaparecido; ele tinha certeza de tê-los colocado ali.

— Teve um sonho ruim, investigador? — Uma voz do outro lado do cômodo fez o jovem virar-se rapidamente, deparando-se com um rapaz. O outro segurava um pequeno caderno em mãos, e apesar das roupas finas, os cabelos destonavam em rebeldes cachos loiros.

— Não sou um investigador — retrucou, franzindo as sobrancelhas em uma expressão irritada. — Pegou meus remédios?

— Não peguei os remédios desinteressantes de ninguém — afirmou o estranho encostando-se na parede ao lado do espelho. — E... Parece ser um

detetive ou algo do tipo, pelo que diz em seu caderno. — Ele abriu em uma página aleatória e começou a ler. — Pesquisar sobre *Cidadoll*...

— Poderia colocar meu manuscrito no criado-mudo, por favor? — interrompeu Fred. — E... Quem é você?

— Me chamo Patrick Knox, sou o neto de Tilde. — O rapaz esboçou um sutil sorriso, arrumando os óculos de grau por cima dos olhos azuis e fechando o caderno. — Deveria saber quem sou, nos falamos por telefone. Aliás, não terá muito o que escrever em seu *manuscrito*. Muitas coisas em *Cidadoll* estão além de sua compreensão mental.

Fred estreitou os olhos, tentando entender as palavras de Patrick. Se não estivesse enganado, o loiro ao seu lado, tinha o chamado de burro em uma forma mais requintada. Levantou-se e seguiu até o guarda-roupa, notando o olhar do outro acompanhá-lo.

— Escreverei o máximo para formar uma boa história — rebateu o escritor, retirando algumas peças de roupa do móvel e jogando sobre a cama.

— Ótimo! — Patrick esticou os lábios em um sorriso, devolveu o caderno a uma das gavetas do criado-mudo e caminhou calmamente até a porta. — Se arrume, *escritor*. Faremos um *tour* pela cidade, após tomar o café que minha queridíssima avó preparou. Chá e torradas com geleia — falou e se retirou, fechando a porta em um leve baque. Havia um toque de ironia na fala dele, o que deu para Fred a certeza de que não era bem-vindo naquele lugar. No entanto, sabia que aquele dia renderia muito para o livro que escreveria e estava disposto a um passeio com o neto de Tilde.

## Capítulo 3

*Cidadoll, 1915 – Passado*

O laboratório estava mais desorganizado do que o comum; frascos espalhados aqui e ali, amostras de urânio em potes, além de livros abertos posicionados ao redor da grande mesa. Patrick com seu jaleco branco e óculos de trabalho, mexia com elementos químicos e invenções, misturando líquidos em um recipiente de vidro. Trabalhava arduamente para tentar solucionar um problema que se considerava culpado.

— Quem é esse belo e dedicado cientista? Patrick ou Josef Knox? — Ele ouviu uma voz feminina atrás de si, reconhecendo-a no mesmo instante e esboçou um sorriso ladear, virando-se.

Uma mulher se encontrava parada ao lado dos frascos de elementos químicos, com as mãos pousadas sobre o quadril. Usava um longo vestido vermelho que combinava com o batom que destacava a pinta preta ao lado do queixo; seus longos cabelos loiros caíam sobre um ombro.

— Quem acha que é, Susan? — perguntou ele, retirando calmamente os óculos.

— Eu acho... Que estou falando com o Knox que restou — respondeu ela, arqueando uma sobrancelha. — Não estou?

— Exatamente! — Knox esboçou um sorriso suave ao comentário dela, e caminhou até uma vitrola no canto na sala. Escolheu um dos discos da pilha ao lado e colocou o clássico *Dance Macabre*. — Que tal uma dança? — Ele pousou a agulha sobre o disco, fechando brevemente os olhos ao ouvir as primeiras notas.

A valsa, em instantes preencheu todo o cômodo, embalando-os em uma harmonia sonora.

— Eu sempre acerto, meu doce Patrick — reafirmou Susan, aproximando-

se e sentindo o braço do cientista envolvê-la pela cintura, cruzando as mãos atrás da nuca de Knox.

— A senhorita conhece nossa essência. — Ele começou a guiá-la em passos inicialmente lentos, pelo laboratório. — A minha, principalmente.

— Visitei sua mãe hoje cedo — afirmou a dama enquanto deixava-se ser guiada ao ritmo da valsa. Ele girou-a, possibilitando que a dama pousasse a cabeça sobre o ombro do cientista. — Matilde estava mais do que irritada com aqueles órfãos, levando outras crianças para bagunçar o jardim de rosas brancas que tanto se esforçou em plantar. Tem que fazer algo com os que restaram.

Patrick virou-a novamente, focando o olhar nas íris azuis de Suzan. Seus rostos estavam a centímetros de distância, podendo sentir a respiração um do outro.

— Eu sei um bom lugar para esses órfãos. — Ele esboçou um sorriso ladear com um leve toque de malícia e parou subitamente a dança, encostando Suzan em uma estante de vidro.

— Não incomodarão mais, nem minha mãe ... — Knox deslizou a mão que estava sobre a cintura da dama, até a barra do vestido dela, erguendo-o. — Nem a senhorita.

— O que pretende fazer? — perguntou ela, soltando um suspiro ao sentir o toque do cientista na parte interna de suas coxas.

Ele acariciou o rosto dela suavemente com a mão livre, aproximando os lábios do ouvido dela e diminuindo o tom de voz em quase um sussurro.

— Segredinho...

\*\*\*

## Presente

Uma pequena mesa foi arrumada para o café da manhã, na varanda do pátio dos fundos; um bule de porcelana pousado ao centro e três xícaras com chá, repousavam ao lado de pratinhos com torrada e geleia de morango. Fred após se arrumar, desceu segurando seu pequeno caderno e carregando uma caneta pendurada na gola do suéter vinho que usava.

— Estávamos te aguardando, escritor. — Patrick pronunciou-se, sentando

em uma das cadeiras ao lado da avó. Ele indicou um assento à frente e ele sentou-se.

— Bem, Patrick, não quero me intrometer em sua vida pessoal, mas... Onde estão seus pais? — perguntou Fred, recebendo uma xícara de chá de Tilde e agradecendo com um gentil sorriso.

— Meu pai não está mais entre nós — respondeu o outro, voltando o olhar para os pinheiros que se estendiam além do pátio. O espaço contornava a casa em um contraste de paisagens.

— Oh... Eu... Eu sinto muito. — Fred desconcertou-se brevemente, pegando uma das torradas oferecidas. Não perguntaria mais sobre a família dele, mesmo notando que o outro não mencionara a mãe.

— O pai dele retirou a própria vida, Fred. Já faz um longo tempo... — comentou Tilde, empurrando o pote de geleia para o escritor.

O escritor bebeu um gole do chá, olhando brevemente para o pátio que tomou a atenção do neto da senhora e então pensou em outra pergunta ou comentário que não fosse tão pessoal.

— *Cidadoll* parece interessante. Até a paisagem parece diferente, o... bosque ali é bem mais vivo do que as plantas desse lado.

— Sabia que porcelana tem um alto teor de chumbo? — Patrick comentou, ajustando os óculos com o indicador antes de voltar a atenção para Fred, levando a xícara lentamente aos lábios para bebericar o chá. — A cidade é rodeada desse material. Aliás, o clima nem seco e nem úmido afeta o ambiente.

O neto de Tilde levantou-se ajustando o colete fino por cima da blusa branca e seguiu até a porta da varanda parando no batente.

— Minha querida avó, combinei de apresentar a cidade ao escritor — continuou ele, esboçando um sereno sorriso antes de voltar o olhar para Fred. — Peço que me acompanhe, não demorará muito já que *Cidadoll* se resume em três ruas.

O escritor assentiu e agradeceu a Tilde pelo café da manhã, seguindo o outro para fora do casarão. Diferentemente de quando chegou na cidade, algumas casas se mostravam na rua abaixo em um fraco movimento. A maioria das lojas que passava, estampavam uma boneca de porcelana na vitrine, com o tamanho real de uma criança de provavelmente seis anos de idade. Já as casas, exibiam portas e janelas fechadas como se não houvessem moradores.

— Por que todas as lojas daqui tem uma boneca na vitrine? — perguntou o

escritor, pegando a caneta e abrindo o caderno para possíveis anotações.

— Porque são a atração principal de *Cidadoll* — respondeu Knox, levantando uma das sobrancelhas enquanto caminhava. — As raras pessoas que vêm aqui, são por causa delas. — São magníficas! Não são?

— Sim... bem realistas. Elas parecem vivas, de certo modo...

Fred sentiu um vento gelado em sua nuca, erguendo a gola do suéter. O clima ali era bem mais gelado do que onde morava. Observou a pequena capela no final da rua, franzindo as sobrancelhas ao notar uma pessoa na porta do local. Estreitou os olhos detendo o passo, pois apesar da distância pôde distinguir um menino acenando para ele; a imagem, depois de um momento, pareceu se aproximar ficando a poucos metros do olhar do escritor.

— Ajude-os. — O menino sussurrou, fazendo a cabeça de Fred girar, e ele deu um passo para trás sentindo segurarem-lhe o ombro.

— Não se sente bem, escritor? — perguntou Patrick, olhando-o com certa preocupação. Estavam diante de uma pequena loja de brinquedos e Knox parou na entrada ao notar uma diferença no visitante.

— Estou bem — afirmou Fred, logo seguindo o neto de Tilde para o interior do local.

As prateleiras eram repletas de brinquedos artesanais de madeira e, principalmente, de porcelana. Apesar do estado impecável da loja, o escritor não viu nenhum atendente ou vendedor perambular por ali. Aos fundos, mesmo que quase escondida, uma boneca se destacava. Retratava uma mulher de longos cabelos loiros em um vestido bege; os olhos azuis da dama encaravam o vazio em uma expressão de angústia e um de seus braços se estendia à frente, em busca de algum tipo de ajuda.

— Vejo que ela lhe chamou atenção — observou Patrick, apoiando-se na porta ao lado da boneca.

— Ela é diferente das outras. Parece ter algo...

— Vivo? — completou Knox. — De certa forma tem. Ela é de... Um estoque especial.

Fred ouvia-o de forma distante, observando o olhar brilhante da porcelana. Estendeu a mão para tocar o rosto da boneca, entretanto um pigarrear do outro interrompeu-o.

— Não encoste nela! — A fala de Patrick, saiu inicialmente de uma forma ríspida, porém, logo ele suavizou a expressão esticando os lábios em um sutil sorriso. — O material é delicado.

## Capítulo 4

Fred entrou em uma sala, com uma grande mesa ao centro repleta de frascos de vidro e livros organizados. Patrick fechou a porta, assim que o jovem passou pelo batente, e apontou para uma cadeira ao lado para que o escritor se sentasse.

— Lembra-se de sua infância, escritor? — perguntou Knox, enquanto caminhava calmamente até a estante de vidro ao canto da sala. Ele retirou uma pequena chave do bolso do colete, encaixou-a na fechadura da porta do móvel e abriu-a, retirando de uma prateleira um objeto que lembrava um pequeno moinho.

Após a pergunta do outro, o escritor silenciou-se por um momento. Sabia que havia ficado em um orfanato, lembrava-se de quando era apenas um órfão no meio de muitas outras crianças. No entanto, algo ainda era embaçado na memória de Fred, como uma nuvem que cobria uma área que não conseguia acessar.

— Lembro ... Ahm ... Eu fiquei em um orfanato até os treze anos, mais ou menos. Não me lembro exatamente onde era — respondeu ele, sentando-se enquanto observava os líquidos coloridos nos frascos. — Você é químico ou algo do gênero?

— Cientista. — Knox pousou o objeto diante de Fred. Atrás da roda de madeira, havia uma pequena manivela ligada a uma caixinha fechada de mesmo material. — Interessante o que me contou, apesar de ser um pouco vago. Sabe, por um longo tempo trabalhei na junção da astrofísica e física quântica e... Pode parecer loucura, mas o pensamento humano pode estar relacionado a uma dessas ciências. Aliás, a minha mente me diz algo sobre você, Frederick.

— Sobre mim? O que quer dizer? — questionou o escritor, franzindo as sobrancelhas em confusão.

— Quero dizer que não sei como conseguiu meu telefone, como chegou

até aqui. Disse que foi por um site? Certo. Mas as pessoas, as raríssimas pessoas que veem aqui são fanáticas por lendas, e não me parece um. — O cientista voltou o olhar para o objeto na mesa, coçando a mandíbula em uma expressão pensativa. — Como soube de *Cidadoll* tão fácil...?

— O que é isso? — Fred perguntou, interrompendo os pensamentos de Knox.

— A amostra de um gerador de ondas eletromagnéticas — respondeu Patrick, ajustando os óculos de grau com o indicador. — Creio que nunca tenha visto um desses, é uma peça única.

O cientista girou a manivela, aumentando gradativamente a velocidade, até o círculo se tornar quase translúcido. Fagulhas de energia se elevaram da madeira em movimento, dissipando-se no ar antes de formar a próxima onda iluminada.

— Curioso... — Biersmich distraiu-se observando os círculos de energia em torno da roda. — Sempre pensei que essas coisas de eletromagnetismo fossem radioativas.

— E são, mas a escala desse objeto é pouca para causar algum perigo. Pode haver apenas alguns danos se houver contato dire... — Patrick interrompeu-se ao observar o escritor estender a mão ao objeto, tocando as fagulhas que saíam do pequeno gerador e soltou a manivela.

Fred parecia fascinado com as ondas azuis que percorriam em torno de seus dedos, contornando-os antes de desaparecerem. Knox parecia surpreso e alegre ao mesmo tempo, esboçando um leve sorriso enquanto levava a mão ao pulso direito.

— Está tudo bem, Patrick? — perguntou Fred, abrindo o caderno que levava para anotar sobre aquela máquina.

— Eu sabia... Eu sabia que tinha algo a mais em você, escritor! Você pode voltar, Frederick! Você pode voltar! — Patrick deixou o sorriso alargar-se e voltou a atenção para o pulso onde uma forte mancha vermelha se mostrava sobre a pele alva.

— Eu o verei novamente, meu irmão.

\*\*\*



## Passado

Havia um extenso campo vazio entre a casa de Matilde e a entrada do pântano. Os gêmeos Knox analisavam o local, desconfiados de que havia algum motivo por aquele campo não ter nenhuma planta viva. O bosque se iniciava metros à frente, com árvores altas e finas, uma vegetação de cor vibrante em contraste com a grama seca do limite do quintal da casa; a lama do pântano já podia ser vista no espaço entre os pinheiros do bosque, onde qualquer um poderia se enganar se entrasse no local.

— Há algo estranho neste pedaço de terra — afirmou Patrick, esfarelando um bloco de terra seca com a mão direita. — Algo que só afetou essa área.

— Isso já sabemos! — complementou Josef, tirando da grande que carregava transpassada ao ombro uma manivela de madeira. — Encaixe na máquina que construímos e a teste. Se meus... Nossos cálculos, estiverem corretos, neste local existe algum tipo de radiação diferente ou uma forma de energia não identificada.

— Que não nos prejudica, mas deteriora as plantas desta área. — Ele pegou o objeto da mão do irmão e seguiu até a grande roda ao lado encaixando a manivela ao suporte de madeira. — Mas, apenas teremos certeza, se o gerador nos provar. O cobre dentro da caixa de madeira, aumentará a produção de ondas e nos ajudará a desvendar isso.

Josef assentiu com um leve aceno de cabeça e pousou a mão sobre o ombro do irmão.

— Certo, comece o processo.

Patrick pousou ambas as mãos na manivela e esforçou-se em girá-la, enquanto Josef verificava se tudo ocorria conforme imaginavam. Grandes riscos azuis surgiam no ar em torno da roda, estendendo-se pelo espaço até um ponto diante de Josef, que observava a reação de forma extasiada.

— Está funcionando! Venha ver, Rick! — gritou o cientista, vendo pequenas bolhas se formarem no lugar onde as fagulhas se dissipavam e se unirem às outras, tornando-se uma só unidade. — Estão formando uma força maior, uma onda maior, uma única forma no espaço...

Ao ouvi-lo, Patrick parou de girar a manivela, desviando o olhar para o irmão. Um frio subiu pela espinha de Knox, ao observar a grande bolha azul diante do outro; ele sabia que poderia dar algum tipo de reação, uma prova de

que havia radiação ali, mas aquela forma visível a olho nu não parecia um bom sinal.

— Josef, se afaste da bolha! — gritou, tentando recuperar a respiração descompassada. — Josef! Josef!

Segundos depois, uma forte luz invadiu o local, fazendo Patrick ir ao chão com as mãos sobre os olhos. A visão jovem irritava-se com a iluminação, impossibilitando-o de ver o que ocorria no espaço.

— Patrick! Ajude-me! — Ele ouviu, esforçando-se para levantar. O espaço retornava ao contraste natural e Patrick pôde ver o irmão correndo contra uma força, que o puxava para o interior de uma espécie de buraco negro; o círculo no ar parecia girar na mesma velocidade que o gerador em um misto das cores azul e branco, arrastando tudo que estava em certa proximidade. — Eu... se eu for, serei levado contigo!

— Irmão, por favor... — insistiu Josef, resistindo o máximo que podia. Já estava há menos de três metros da forma de energia, que se fechava conforme o gerador parava de girar.

Patrick não conseguiu ver o irmão naquela situação por muito mais tempo. Mesmo com medo de ser arrastado, Knox segurou-se na manivela e esticou-se até o irmão estendendo a mão para ele. Josef segurou-se ao pulso do outro cientista fortemente, olhando-o em visível desespero.

— Não me deixe ir! Não me... — Antes que completasse a frase, ele paralisou. Os orbes azuis de Knox ganharam um brilho diferente, um brilho de porcelana. O gêmeo de Patrick, aos poucos, se tornou um boneco notando-se uma energia azul sair da casca endurecida.

O gerador atrás de Josef parou de girar e o buraco negro evaporou-se, porém, era tarde demais.

— Me desculpe. Não consegui te salvar — murmurou Patrick, observando nos olhos petrificados do boneco.

Minutos se passaram, e por mais que tentasse se soltar do irmão sem quebrar a porcelana, não conseguia. Os dedos do gêmeo continuavam firmes contra seu pulso, irritando a pele de Knox. Não tinha outra opção, se quisesse se soltar teria que tomar a medida que tanto tentou evitar. Esticou o outro braço, alcançando o gerador ao lado, e retirou a manivela da máquina, erguendo-a acima do antebraço do boneco.

Patrick respirou fundo, e com um rápido movimento desfez metade do braço do irmão em cacos de porcelana espalhados pela terra. No lugar onde antes Josef segurava, havia uma grande queimadura a qual demoraria

cicatrizar.

## Capítulo 5

— Eu não aguento mais esse garoto! Ele não pode ter tudo que quer! — Robbie ouviu o pai gritar, e saiu correndo trancando-se em seu quarto. Sentou-se na cama e tampou os ouvidos com o travesseiro, porém, ainda ouvia a conversa ao longe.

— Ele só tem 8 anos! O que quer que eu faça?! — rebateu a mãe do pequeno, em uma feição preocupada. — Sei que está nervoso por outros motivos, além do nosso filho. Podemos resolver isso de outro jeito.

— Essa é a única forma, me desculpe.

Em seguida, ouviu-se o barulho de um tiro que ecoou por todo o casebre e Robbie encolheu-se na cama, com medo de sair do quarto e ver o que não queria. Fechava os olhos com a maior força que podia e assim que ouviu batidas na porta, tentou manter-se quieto como se conseguisse disfarçar sua presença.

— Robbie, querido, abra a porta — pediu a mulher, do outro lado da porta, com a voz trêmula.

— Por quê? — perguntou ele, assustado, normalizando gradativamente a respiração.

— Seu pai, querido ... — A voz dela embargou-se, logo ouvindo um intenso pranto.

Os olhos do pequeno Robbie marejaram ao ouvir a fala da mãe e ele levantou-se correndo até a porta. A mão trêmula do pequeno girou a maçaneta e ele paralisou assim que o outro cômodo se revelou diante de seus olhos verdes; uma imagem que ficaria cravada em sua mente pelo resto da vida. Seu pai se encontrava caído no chão de madeira, em uma cor pálida e quase totalmente sem sangue com um furo ao lado da testa onde a bala atravessou. A arma que usou para dar o tiro contra a própria cabeça, ainda estava nas mãos do homem.

Robbie voltou o olhar para a mãe, tentando conter o choro enquanto

observava a mulher encolhida ao canto da sala com o rosto oculto sobre os joelhos.

— A culpa é minha! Toda minha! — gritou o pequeno, correndo porta afora antes que ela se pronunciasse.

Ele correu pela estrada de terra, finalmente deixando as lágrimas correrem. Secava o rosto molhado enquanto deixava seus passos guiarem-lhe até o casarão de Matilde, onde quase sempre se refugiava. Passou pelo grande portão e seguiu até o carvalho no lado oposto do canteiro de rosas brancas, subindo galho por galho até sentar-se no mais alto.

— Por que choras, Robbie? — perguntou uma menina, se aproximando. Aurora usualmente visitava a casa de Tilde, por causa dos doces que ganhava, e naquele dia surpreendeu-se ao encontrar o melhor amigo ali, naquele estado.

— Meu pai, ele... Foi culpa minha! — Robbie respondeu entre soluços, balançando as pernas no ar em uma expressão triste.

— Mesmo não sabendo o que aconteceu, sei que não faria nada errado. Eu te conheço, Ro! — Ela esticou a mão para ele, esboçando um gentil sorriso. — Vem! Desce aqui! Vamos entrar, talvez os doces de vovó Tilde o acalme.

Robbie desceu até um galho mais baixo e segurou na mão da amiga, descendo da árvore.

— Tudo bem. — Ele suspirou, encolhendo os ombros. — Só não entendo porque a chamam de vovó.

— Porque ela é como uma avó, para os nossos amigos que sempre estiveram na casa — explicou Aurora, seguindo ao lado do outro pelo caminho de pedra.

— Agora eu não tenho mais um pai... — Robbie parou, analisando o pequeno jardim de rosas brancas ao lado. — Era para eu estar bem por ele não ter feito o que eu queria, mas não estou... — Ele arrancou uma rosa e estendeu para Aurora, esboçando um sutil sorriso. — Pegue! Para a minha única amiga.

— Olá, crianças! — Uma sonora voz cortou o local, fazendo o pequeno assustar-se e deixar a rosa cair no chão.

Uma mulher de longos cabelos avermelhados os olhava, sorrindo amigavelmente. Ela juntou as mãos sobre a saia rodada do vestido rosa, antes de abrir espaço para os dois passarem.

— Olá, vovó Tilde! — cumprimentou Aurora. Já seu amigo, permaneceu calado observando a rosa ao chão.

— Chegaram em uma hora especial. Meu filho, Patrick, quer lhes mostrar a roda gigante que construiu só para vocês.

## Capítulo 6

### Presente

— Eu posso voltar? De onde? Do que está falando? — questionou Fred, assustado com a reação do cientista; algo naquele olhar levemente lunático não parecia trazer boas notícias.

— Quer escrever um bom livro, Fredderick? — indagou Patrick, apoiando ambas as mãos sobre a mesa. — Pois, essa é a sua chance! Vai vivenciar o que nunca imaginou e... salvará pessoas.

— Ainda não entendo... — O escritor franziu o cenho, levantando-se. — Está falando coisas fora de minha compreensão. Salvar pessoas?

— Eu soube que era diferente desde que ligou, escritor. Havia uma necessidade em você, uma pressa em vir para *Cidadoll*. — Ele caminhou até outro armário no canto da sala e o abriu. O boneco de Josef se revelou, com o braço envolvido por um pano como uma espécie de curativo.

— Que... Quem é esse? — gaguejou Fred, tentando processar toda aquela informação. A caneta permanecia parada sobre uma folha do pequeno caderno, nem mesmo conseguia anotar.

— Meu irmão, Josef — respondeu Patrick, em um pesado suspirar. — Ele se foi em um acidente e... Aquela que viu lá fora é Suzan, minha namorada.

— Como...? — O escritor piscou, observando um ponto qualquer na sala. Tentava associar tudo aquilo, porém, não achava nenhuma conexão como se faltasse alguma coisa.

— Há muitos anos, eu, minha mãe e meus dois irmãos, nos mudamos para *Cidadoll*. — Patrick começou a contar, retirando o boneco do armário antes de fechar o móvel. — Não sei se podemos chamar esse lugar de cidade... E naquela época, não morava muita gente aqui. Apenas um casal e um menino, no casarão principal. Aquele velho era louco! Falava de portais e eu não acreditava, não conseguia associar... — Ele se interrompeu, em um olhar

vago nos próprios pensamentos.

— Muitos anos? Quantos? — questionou o escritor, deixando o caderno sobre a mesa ao curvar-se para ouvir o que o outro contava. — O que não consegui associar? O que eu tenho a ver com tudo isso?

— Esse senhor falava de maldições, dimensões além da nossa... — continuou Knox, deixando-se largar no encosto da cadeira. — Quase tudo que ele disse é verdade. A linha dimensional em *Cidadoll* é extremamente fina, a divisão de espaço-tempo é mínima. E em uma área, especificamente no espaço de plantas mortas perto da entrada do pântano, podemos atravessar para outra dimensão através de um buraco negro. Quanto a você, Frederick, a radiação não parece te afetar... Como se pudesse controlar a energia.

— Buraco negro? Dimensões? — Fred deu dois passos para trás, sentindo a cabeça girar; mesmo tudo parecendo loucura, alguma coisa naquela história o chamava para desvendá-la. — Está mentindo! Inventando coisas!

— Não estou mentindo, Frederick! Estou em *Cidadoll* desde 1915! E só estou lhe dizendo tudo isso, porque sei que é o único que pode entrar lá e trazer meu irmão de volta!

Biersmich negava-se, o olhar incrédulo para Patrick tentava entender os fatos.

— Como pode não ter envelhecido, em todo esse tempo? — Fred afastou-se ainda mais, sentindo as costas encostarem na madeira da porta de saída. — E ainda diz não mentir?

— Eu posso provar!

\*\*\*

De volta ao casarão, Patrick seguiu com o escritor até a varanda aos



fundos, onde Tilde se encontrava fazendo um cachecol de tricô.

— Aonde vão, garotos? — perguntou ela, levantando-se e os seguindo até eles em passos lentos.

— Vamos até a máquina. A radiação não o bloqueia — respondeu o cientista, olhando-a seriamente. — Contei tudo para ele. Frederick pode voltar, mãe!

— Mãe? — interveio Fred, abismado enquanto oscilava o olhar entre os dois. — Você havia me dito que ela era a sua avó!

— Eu menti — afirmou Knox, seguindo em passos apressados pelo quintal e parando logo à frente, esperando que o outro o seguisse. — Não envelheci, porque a radiação deste lugar me afetou diretamente.

— Já a mim, ela fez com que meu processo de envelhecimento retardasse. É mínimo, até que eu vire poeira — observou Matilde.

O escritor, apoiou-se em uma das colunas da varanda sentindo-se tonto com tanta informação. Normalizou a respiração, antes levemente descompassada, e seguiu Knox.

Ao canto direito do quintal, uma réplica em escala maior do pequeno objeto que viu no laboratório se encontrava posicionada ao lado de uma grande manivela. Fred permaneceu um momento observando a máquina, e então uma expressão horrorizada tomou o rosto do jovem.

— Se as bonecas de porcelana são pessoas, todas as crianças... Por que fizeram isso?

— Muitos incomodavam! Principalmente os órfãos! Coisas ruins aconteceram com a minha mãe, porque os abrigava em minha casa. Ela foi tola por isso! Ela se culpa todo dia, e sou obrigado a ouvir as reclamações dela — afirmou Patrick, em visível irritação, crispando os grossos lábios em uma respiração pesada.

O cientista caminhou até a manivela, pegou-a e encaixou o objeto na máquina. Logo voltou-se para Fred, esboçando um sorriso levemente alucinado.

— Traga meu irmão, Frederick! Em troca, terá um bom livro — falou Knox, pousando ambas as mãos na manivela e começou a girá-la. — Boa viagem!

Um medo repentino invadiu o escritor, suas mãos suavam, mas sentia que tinha que ir. A grande bolha formava diante dos olhos de Fred, que paralisado apenas observava.

— Não sei se estou preparado! — gritou o escritor, sentindo a mandíbula

trêmula, sem desviar o olhar do que se formava diante de si. — Mas eu vou, pelas crianças!

Uma forte luz branca invadiu os olhos de Biersmich e ele os fechou, apenas abrindo ao notar a iluminação dissipar-se. Um buraco negro surgiu diante de sua visão, em um círculo quase que hipnotizante que girava lentamente. Não era tão aterrorizante como pensava, ele podia ver o próprio espaço do outro lado com uma mistura das cores roxo e azul; sentia-se quase chamado para aquele lugar.

Estranhou não ouvir mais a voz de Patrick, no entanto não se importou, e seguiu rumo ao desconhecido. As luzes envolviam-no, como se o acolhessem em uma cápsula guiando os passos do jovem ao interior do círculo negro de energia.

## Capítulo 7

Fred acordou com a canção de uma caixinha de música embalando seus ouvidos. Abriu os olhos se vendo no quarto em que estava hospedado, na casa de Tilde.

“*Que estranho... Será que tudo foi um sonho?*” pensou, ao lembrar do buraco negro que tinha entrado minutos atrás. Sentou-se na cama, sentindo seus olhos pesados de sono, como se tivesse dormido por horas. A caixinha de música se encontrava sobre o criado-mudo ao lado, com uma pequena bailarina de porcelana girando no centro. Fred permaneceu observando o objeto, como se reconhecesse-o de algum lugar; aquela canção que se repetia em um fino e estridente toque, parecia-lhe familiar e seria até acolhedora se não falhasse antes da bailarina completar cada giro.

— Frederick, desça para o jantar! — Um chamar interrompeu os devaneios do escritor, fazendo-o fechar a caixinha em um rápido movimento. Tinha quase certeza de que era Tilde chamando-lhe, se não fosse o soar incrivelmente mais jovem.

— Sim, já estou indo! — respondeu ele, levantando-se rapidamente. Surpreendeu-se assim que respondeu, pela forma a qual se dirigiu para uma pessoa que acabou de conhecer.

A janela estava aberta, com as cortinas balançando para o interior do cômodo em um vento frio. Fred seguiu até ela e parou, observando o céu que se mostrava do outro lado. A brusca mudança de clima mostrava nuvens pesadas cobrindo o espaço azul-escuro e o balanço de madeira balançava lentamente, rangendo ritmicamente como se alguém o forçasse.

A caixinha de música voltou a tocar, assustando o escritor com o barulho repentino.

— Ei! Eu tinha parado você... — falou Fred, começando a caminhar em direção à pequena bailarina, quando a porta se abriu em um rangido.

— Frederick! Frederick! Fred! Fred! — Foram ouvidos gritos de

desespero no andar de baixo, e o escritor apressou-se, correndo pelo extenso corredor em direção às escadas. As vozes diminuía conforme ele seguia pelo caminho e a cada passo que dava, tudo parecia aumentar ao seu redor; o teto se tornava mais alto e as figuras infantis do papel de parede, maiores.

Uma porta pintada com uma vibrante tinta vermelha surgiu diante do escritor, dando-lhe uma escolha de abri-la ou descer a escadaria logo ao lado. Os degraus pareciam grandes e dificultosos, o que ajudou o jovem a escolher levar a mão até a maçaneta dourada; diferentemente dos objetos e o lugar que aumentaram de tamanho, as mãos do escritor estavam pequenas como as de uma criança. Apesar do medo, ele empurrou a porta, abrindo-a rapidamente.

O cômodo se revelou uma espécie de consultório, onde uma boneca de pano em tamanho real de uma criança se encontrava deitada em uma maca. Ao lado, um homem organizava seringas em ordem de tamanho sobre uma bandeja de metal.

Fred, assustado, apenas observava aquela estranha imagem; não sabia se o jaleco do estranho era realmente vermelho ou era apenas efeito da iluminação que preenchia o local.

— Seu subconsciente também se expressa. — A voz do outro soou em um tom grave e rouco, abafada pela máscara cirúrgica. — Saiba dominá-lo.

O homem voltou-se para o escritor, olhando-o fixamente e inclinando levemente a cabeça para o lado. Os olhos de íris bicolores, uma em vermelho sangue e outra em um azul quase branco, fizeram Fred dar dois passos para trás.

— Consegui, não é? Consegui atravessar o buraco negro? — questionou o jovem, recebendo o silêncio como resposta.

O outro apenas pegou uma seringa e ergueu-a, balançando o líquido preto no interior do objeto. Fred resolveu não ficar ali para ver o que aconteceria, correndo de volta para a escadaria. Sentiu grande dificuldade em descer, esticando a perna o máximo que podia para tocar cada degrau.

No canto da sala de estar, havia uma mulher ajoelhada e voltada para parede. O choro dela ecoava em um misto de sofrimento e lamento pelo espaço escuro, iluminado apenas por algumas velas na mesinha de centro.

— Olá? A senhora está bem? — perguntou Fred, aproximando-se cautelosamente.

— Meu filho... levaram meu filho! — choramingou ela.

— Eu sinto muito. — O jovem estendeu a mão direita, tocando levemente as costas curvadas da mulher. Os dedos de Fred podiam sentir os ossos da coluna da outra, elevados sobre a camisola rosa desbotada.

Em instantes, ela se levantou ainda de costas para o pequeno Biersmich, inclinando drasticamente a cabeça para o lado; um alto estalo se ouviu ao movimento.

— Não sinta! — Ela gritou, começando a virar-se lentamente arrastando os pés no chão de madeira.

Ao vê-la, Fred não só a reconheceu como uma versão jovem de Matilde, mas também se espantou com sua imagem; no lugar dos olhos da dama, haviam apenas dois espaços ocos e um rosto anormalmente mais comprido cuja mandíbula se alongava como se fosse tocar o chão. E se alongava, e se alongava...

O pequeno, assustado, tropeçou no próprio pé e caiu sentado no chão, arrastando-se até sentir suas costas tocarem em uma porta atrás de si.

*“Querida mamãe, querido papai, não fiquem tristes comigo... Seu bebê está seguro, seu bebê tem um abrigo.”*

Vozes infantis ecoavam pelo local, cantando uma cantiga de roda, junto a risadas de deboche. Algumas pareciam cantar ao lado dos ouvidos do escritor.

— Eu estou sonhando... Eu estou sonhando... — murmurava Fred, enquanto tateava a porta atrás de si, até tocar na maçaneta. Naquele momento, ele negava que tudo aquilo fosse real, que até mesmo sua viagem para *Cidadoll* poderia ter sido um sonho.

— Não é um sonho, tio Biersmich — falaram duas crianças idênticas, em uma voz rouca, surgindo ao lado da estranha Matilde.

O desespero invadia o escritor, e, em um movimento rápido, ele girou a maçaneta e abriu a porta lançando-se na sala que se seguia. Ao sentir o choque do seu corpo contra o piso de madeira, a dor o fez ver que não era mais uma criança.

— O que está acontecendo? — perguntou para si mesmo, sentindo seus batimentos acelerados e a respiração descompassada.



## Capítulo 8

Fred se viu em um pequeno, silencioso e escuro cômodo que não parecia pertencer àquela casa. Sentia-se sufocado por não conseguir ver o que lhe rodeava, até que uma televisão ligou ao lado, em um canal chiando por falta de sinal. A caixa antiga, em instantes transformou as fagulhas na tela em imagens mais nítidas, mostrando ali uma cena em movimento; um baile dos anos vinte acontecia em um grande salão, com pessoas dançando em um ritmo anormalmente acelerado.

O escritor curvou-se para ver mais de perto as imagens, focando a atenção no único lado da tela em que o ritmo estava lento e arrastado. Notou um homem mascarado sair do baile segurando a mão de um garotinho, aquele mesmo que sempre aparecia nos sonhos de Fred. O menino ergueu o olhar, voltando-o diretamente para o escritor que permaneceu com a mesma atenção, inclinando levemente a cabeça para o lado. O garotinho fez o mesmo, como um espelho que copiava os movimentos do escritor.

O foco de Fred na televisão fez com que ele não percebesse um estranho homem, sentado no sofá ao lado encarando-o. Nenhum traço das feições do outro ou vestes estavam visíveis, cobertos por uma fumaça negra que girava em torno do *ser*. Os olhos dele, eram como duas esferas de luz vermelha que brilhavam na direção de Biersmich.

— Ora... Ora... vejamos quem chegou aqui! O imensurável e invencível, Fredderick Biersmich! — pronunciou-se o estranho, em um tom altamente sarcástico e uma voz robótica, soltando uma gargalhada.

Fred sobressaltou-se ao ouvi-lo, desviando o olhar na direção daquela figura. O estranho era que, não notou sequer uma respiração a mais no local anteriormente.

— Como sabe meu nome? Quem é você? Que lugar é esse? — disparou Fred, voltando a ideia de que tudo poderia ser um sonho psicodélico.

— Seus pensamentos aqui estão expostos... — O outro se inclinou para

frente, batucando os dedos em algum objeto oculto pela penumbra. A cada batida, ouvia-se um som alto de metal. — E, pensei que fosse mais inteligente. Entrou em um buraco negro, não entrou? Então, obviamente está em outra dimensão. Quanto a quem sou, isso não tem importância.

— Então, isso explica esse lugar estranho — falou o escritor, demonstrando certo cansaço na fala. Não estava sonhando, realmente atravessara um buraco negro. — Onde estão as crianças? — perguntou ele, encarando a estranha figura à sua frente e tentando não sentir medo. Precisaria ser corajoso se quisesse sair dali.

— Ah! As crianças... — O outro deixou o silêncio preencher o lugar por um instante, antes de continuar. — Foi por elas que veio, não foi? — Uma palma foi ouvida e uma porta se entreabriu na parede ao lado do escritor, mostrando uma fresta de luz amarelada. — Terá que achá-las, Frederick! Você é especial, conseguiu chegar até mim. E, por isso, conseguirá sair deste lugar com quem desejar sair contigo.

— Você é o comandante do lugar?

— Mais ou menos. — Os olhos vermelhos do homem se apagaram, ficando apenas sua estranha voz. — Passará por oito situações, há crianças em seis delas. Boa sorte! Estarei lhe observando ...

\*\*\*

Fred arrependeu-se da decisão que tomou assim que atravessou o batente. E se fosse um teste daquele *ser*? E se ele encontrasse coisas tão amedrontadoras quando as que viu? Não sabia o que esperar daquele lugar, por outro lado ter saído daquela sala pelo menos livrou-o da presença daqueles observadores olhos vermelhos.

A sala que chegou era quase um balcão, com paredes altas e teto de gesso, além de não haver nenhuma janela ou ventilação. Pessoas com roupas do século XX rodeavam alguém no centro do local, soltando risadas de deboche e gritos de acusação. Fred aproximou-se receoso, adentrando na multidão que parecia ignorá-lo até o foco dos olhares.

Um jovem de aparentemente 20 anos, com os braços amarrados com correias de couro em uma cadeira, olhava para um homem parado a diante com os olhos marejados. O outro segurava um cinto marrom, percorrendo os



dedos pelo comprimento do objeto.

— Quem é o garoto mau? — gritou ferozmente o homem.

— Ele! — Os outros responderam em uníssono.

— Dez cintadas na face como penalidade! — Ele dobrou o cinto ao meio e o girou começando uma sequência de golpes.

Um.

Dois.

Três.

Quatro.

Cinco.

— Algo a declarar? — Ele parou encarando o jovem, que com o rosto inchado e sangrando, negou com um aceno de cabeça. Seis.

Sete.

Oito.

Nove.

Dez.

— Me perdoe, pai! — gritou o rapaz, em uma mistura de súplica e gemido de dor. — Me perdoe... é tudo culpa minha! Eu que fiz com que fizesse aquilo, se eu não fosse uma pessoa tão tola — insistiu o jovem, com lágrimas escorrendo pelas bochechas que ardiam assim que as gotas percorriam os ferimentos.

Fred, assistiu toda a cena angustiado e sem conseguir se mover. Era como se seus pés estivessem colados no chão, e, mesmo que se esforçasse para sair do lugar a cada movimento do homem contra o jovem, o escritor permanecia na mesma posição.

— Não sei se posso o considerar como meu filho — falou o homem, antes de se virar e desaparecer no meio das pessoas no local. Após sua saída, as algemas que prendiam o jovem desapareceram, e, sem forças, ele despencou ao chão.

Fred correu para ajudar assim que viu o jovem liberto, aliviado por não ter nenhuma força impedindo-o naquele momento. Estendeu a mão para o outro, porém, ele apenas encolheu-se em posição fetal, recusando a ajuda do escritor.

— A culpa é minha... A culpa é toda minha! Está vindo me julgar, não é? Eu já sei que sou o garoto mau. Eu sou — choramingou ele, balançando-se de olhos fechados. — Eu achava que meu pai era um monstro por não me dar o que eu queria, plasmei essa imagem dele. E agora... — O jovem caiu em

prantos antes de terminar a frase. Os soluços dele se propagavam pelo espaço, ao ponto de incomodar a audição de Biersmich.

Fred abaixou-se, olhando penalizado o rapaz à sua frente. Esperou até que o outro se acalmasse para se pronunciar.

— Não estou aqui para te julgar — afirmou o escritor. — Me chamo Fredderick. Como se chama, Rapaz?

— Robbie — respondeu, sentando-se no piso de mármore. — Estou preso aqui. Sendo torturado a ver minha realidade repetidas vezes e infinitamente. Aqui é um lugar onde tudo se mistura, seu consciente, subconsciente e inconsciente são um só. E não tem como escapar do que te assombra! Como chegou até aqui? — O jovem ergueu os olhos esverdeados olhando para Fred curioso. As feridas de seu rosto evaporavam no ar, ficando apenas o rosto liso e limpo.

— Cheguei neste lugar através de um buraco negro. Estou aqui para tentar resgatar as crianças que mandaram para cá — respondeu Fred, levantando-se e ajudando o outro. — Não pensava que teriam mais adultos aqui, além do irmão e da namorada de Patrick Knox.

— E pelo que eu saiba, não tem.

## Capítulo 9

— Então, você é ...

— Uma das crianças que vieram para cá — completou Robbie. — Cheguei aqui com a minha melhor amiga, Aurora. Porém, ela desapareceu e fiquei preso aqui sem conseguir me livrar dessa situação!

— Mas você não é uma criança — afirmou Fred, levemente confuso. Esperava encontrar crianças de seis ou sete anos, porém, o fato de Patrick ter dito ser de 1915 e estar em outra dimensão, ajudava a esclarecer parte daquela *teia de aranha*.

— De fato, não sou — concordou o outro. — Aqui não preciso ser. Neste lugar o tempo é... confuso. Não existe dia ou noite como conhecemos, nem horas ou minutos regulares.

— Imagino que não seja só o tempo a ser confuso aqui — murmurou Fred, lembrando-se dos estranhos acontecimentos de minutos atrás. — Bem, vamos sair dessa sala! — Ele estremeceu, apressando-se em voltar pelo caminho de onde veio, no entanto, a porta havia desaparecido. Nada ali parecia fazer sentido, as coisas mudavam muito rápido.

— Certo, mas como? — perguntou Robbie, caminhando pelo local vazio.

— Sinceramente, eu não sei. — O escritor virou-se, observando a parede branca e esperando que alguma coisa lhe viesse à mente. — Acharemos outra saída, não se preocupe.

A respiração do jovem ao lado do escritor acelerou, e os olhos esverdeados dele se arregalaram, enquanto ele olhava fixamente para a cadeira com algemas à sua frente.

— Se acalme! Vamos sair daqui. — Fred tentava reconfortá-lo, sentindo o corpo pesar como se algo o prendesse novamente onde estava.

— Eu não consigo! Eu não consigo! — Robbie entrou em desespero, se vendo novamente amarrado na cadeira no centro da sala.

As pessoas com roupas antigas se aglomeravam novamente em torno do

jovem, surgindo de lugares aleatórios pelo espaço, e o escritor manteve o olhar sério no jovem.

— Ei! Robbie, me ouça! Isso tudo é sua própria mente que está criando. Desvie o foco de seus pensamentos — alertou Biersmich, puxando os pés do chão e tentando desprendê-los do piso encerado.

— Ele não vai te ouvir — afirmou um rapaz, atrás do escritor. Usava roupas semelhantes às pessoas que ali estavam, e, seus olhos azuis-escuros e feições eram idênticas ao cientista que enviou o escritor para aquela dimensão.

— Como tem certeza? Eu preciso tentar — disse Fred, virando-se para olhá-lo. — Um momento, você é ...?

— Josef Knox? Sim — respondeu o outro, antes que ele terminasse a pergunta. — Deixe-me adivinhar... Meu irmão o mandou para cá? — Ele caminhou até a cadeira onde Robbie se encontrava encarando o vazio como se estivesse em outra realidade. A energia que prendia Frederick, parecia não o afetar. — Este pobre jovem, está preso em um momento que ele mesmo criou. Já estive assim, antes... — Knox ergueu o braço à frente, analisando o antebraço e a mão direita feitos de cobre.

— Como isso tudo não te afeta? Como pode parecer tão tranquilo no meio desse mundo, seja lá o que for? — questionou o escritor, em uma expressão confusa.

— Controle, tudo que precisa é de controle.

\*\*\*

O rosto de Robbie virava bruscamente de um lado para o outro, ao mesmo tempo que machucados surgiam na região de sua bochecha. Diferentemente da vez anterior, o escritor não via o homem bater no jovem; tudo parecia se

repetir apenas na visão de Robbie.

— Robbie! Robbie! Acorde, vamos! — gritava Fred, já com certo desespero por não saber o que fazer.

Josef caminhava calmamente ao redor da sala, analisando as paredes vazias, tocando a superfície lisa como se buscasse por algo. O que ocorria ali, parecia não o afetar, de forma que o cientista se atreveu em esboçar um sutil sorriso ao parar no lado oposto dos outros. O escritor irritou-se ao perceber a calma de Knox, e virou-se o encarando de forma indignada.

— Come pode se manter calmo perante essa situação? Sei que tem controle de algo que eu ainda posso não ter conseguido, mas tem que nos ajudar! Também está preso aqui, não é? — questionou Biersmich, logo voltando a atenção para o jovem

Robbie. — Vamos... Lembre-se de sua amiga, Aurora! Disse que ela veio com você, não disse? Vamos encontrá-la!

— Estou calmo porque penso além da lógica — respondeu Knox, dando alguns curtos passos para trás e deixando as costas tocarem a parede. — Busca uma saída óbvia demais, por isso não a encontra. Deve enxergar além do que está diante de seus olhos. E, sim, estou preso. Mas me desesperar não me ajudará em nada, apenas aumentará minha atividade mental. Te vejo do outro lado! — Ele soltou uma alta risada e abriu os braços, deixando-se cair contra a barreira e atravessando-a.

— O que houve? — perguntou Robbie, saindo do transe no curto espaço de tempo que tinha entre as repetições.

— O irmão de Patrick apareceu para nos ajudar. Ele encontrou uma saída dessa sala, mas você precisa se desprender disso que assombra sua mente — observou Fred.

— Uma saída? — O rosto do jovem se iluminou e a pele dele se tornou mais corada. — Eu posso encontrar Aurora? Ela deve estar sozinha, em alguma situação como a minha! Como vamos sair daqui?

— Bem, acho que temos que atravessar aquela parede. — O escritor voltou o olhar para onde Josef havia atravessado, desaparecendo como em uma espécie de portal. Então, decididamente, estendeu a mão para Robbie. — Vamos?

## Capítulo 10

Fred seguiu os passos de Josef, deixando seu corpo cair sobre a parede. Assim como o cientista, o escritor sentiu-se ultrapassar a barreira chocando-se contra uma superfície aquática. Sua mão soltou a de Robbie, enquanto ele notava-se afundar cada vez mais; a luz do que parecia ser o sol se distanciava acima dos olhos de Fred, alertando-o de que as chances de subir à superfície só diminuían.

O escritor debateu-se na água esverdeada, sentindo-se observando o ar esvair-se em bolhas que saíam de sua boca; não parecia ter fundo, todo o esforço que fazia apenas levava-o para baixo, para a escuridão abissal.

— Fredderick, levante-se! — Ele ouviu um grito abafado e distante. — É raso! Fredderick!

Fred tentava manter os olhos abertos, observando ao redor como se buscasse a origem da voz. Era Robbie, tinha quase certeza. Uma iluminação diferente surgiu à frente, aproximando-se gradativamente, até poder distinguir a imagem do conhecido garotinho que aparecia tanto naquela dimensão quanto nos sonhos do escritor. O pequeno indicou para os próprios olhos e depois deu dois tapas no braço direito, como se quisesse passar alguma mensagem ou aviso.

*“O medo está fazendo isso comigo, não estou me afogando.”* pensava ele, repetidas vezes, enquanto sentia aquela água lamacenta entrar por suas narinas, sufocando-o. Fechou os olhos, tentando ignorar a imagem do garotinho que permanecia ali. Nada naquele lugar fazia sentido, então ali não seria diferente.

Deixou-se acalmar, parando de se debater e apenas manteve-se quieto, esvaziando a mente de qualquer pensamento; teve até mesmo a breve impressão de que respirava debaixo d’água. Em instantes, o escritor emergiu na superfície puxando todo o ar que conseguia como se tivesse acabado de sair de uma bolha. Ao abrir os olhos, a luz solar cegou-o brevemente, logo

ajustando-se e revelando o cenário para Fred.

Estava em um pequeno lago, ao lado de Robbie que o observava com preocupação. Ao redor do círculo de água, havia um extenso bosque e uma estrada de pedras cortava um dos lados repletos de pinheiros. Nem sinal da casa que acabaram de sair.

— Frederick! — gritou o jovem, segurando os ombros do escritor e sacudindo-os. — Estava se debatendo na água, pensamos que fosse se afogar. Não conseguia te erguer!

— Eu estou bem... Eu estou bem — afirmou Fred, percorrendo as mãos pelos cabelos colados no rosto e colocando-os para trás. A água antes não funda, naquele momento batia em seu tórax. — Que estranho, não era dia quando olhei o tempo de dentro daquela casa.

— Ainda não se acostumou com essa dimensão, não é? — falou Josef, sentado na margem com as pernas estendidas na grama, secando os cachos loiros com uma pequena toalha.

— Acho meio difícil acostumar — respondeu o escritor. — E, onde achou essa... — Ele se interrompeu, ao ver o pano desaparecer das mãos de Knox tornando-se poeira no ar.

— Aqui é como um sonho, só que com as dores da realidade. — O cientista levantou-se logo após amarrar as botas marrons, rindo levemente com a confusão dos outros.

\*\*\*

As árvores altas e finas pareciam arranhar o céu, ao lado da estreita estrada de pedra em que eles seguiam. Acharam melhor caminhar pela trilha limpa, do que entrar no bosque e deixar a copa dos pinheiros os guiarem. Os pés descalços de Robbie doíam após um longo tempo sem encontrar nada que indicasse a saída daquela dimensão ou, pelo menos, outras pessoas normais.

— Desde que saímos daquele lago, estamos andando sem rumo — reclamou ele, bufando em desânimo. — Não encontrei Aurora, além de parecer que só estamos presos em um cenário diferente.

— Pelo menos, não estamos dentro de nenhuma casa macabra — observou

Fred, encolhendo os ombros e tentando manter o passo firme.

Josef apenas caminhava tranquilamente ao lado dos dois, com as mãos nos bolsos da calça preta que usava e assobiando uma canção qualquer. De alguma forma, se assemelhava a que tocava na caixinha de música que o escritor viu assim que chegou naquela dimensão.

“*Você sabe para onde está indo! Está no caminho certo, escritor...*” a voz do estranho homem enfumaçado soou na cabeça de Fred, e ele parou subitamente.

— O que houve? — perguntou Robbie, também parando de caminhar.

— Nada... não houve nada — mentiu ele, sacudindo a cabeça para espantar aquela voz.

Ao longe, ouviu-se o barulho de cascos-de-cavalo estalarem as folhas secas que haviam na pequena estrada.

— Acho que vem alguém ... — falou Knox, esboçando um sorriso ladear e apoiando-se no tronco de uma árvore ao lado da trilha.

Uma jovem se aproximava, montada em um cavalo marrom, usando um longo vestido rosa claro e deixando visível as brancas botas de cano longo que seguiam até as calças bufantes de algodão. Os lábios rosados da dama franziam em uma expressão preocupada, enquanto ela olhava para os lados à procura de algo ou alguém.

— Olá! Que bom ver finalmente alguém por aqui! Por acaso vocês viram um garotinho? — perguntou ela, parando ao lado de Robbie.

— Depende — respondeu o jovem, olhando-a. Sentia que a conhecia de algum lugar. — Como seria esse garotinho?

— Quando o perdi, ele tinha a aparência de sete anos de idade, como eu naquela época. Tinha cabelos de cachos pretos e...

— Aurora? — interrompeu ele, abrindo um largo sorriso. — É você?

— Robbie! — Ela desceu do cavalo rapidamente e o abraçou. Era como se todos os anos de procura se recuperassem naquele abraço, em uma energia calorosa que envolvia os braços da jovem.

Aurora, depois que entrou no buraco negro, se deparou naquele bosque, longe do amigo. Sua vida se resumia em tentar sobreviver naquele lugar e caminhar em círculos na busca incansável por Robbie.

— Grande reencontro! Lindo, até me emocionei — interveio Josef. — Já podemos seguir caminho para não sei aonde?

— Na verdade, seguimos caminho para fora dessa dimensão — corrigiu Fred, logo voltando o olhar para Aurora. — Como conseguiu esse cavalo?



— O encontrei perdido entre as árvores. Ele que me trouxe para esta estrada — respondeu ela esboçando um sutil sorriso.

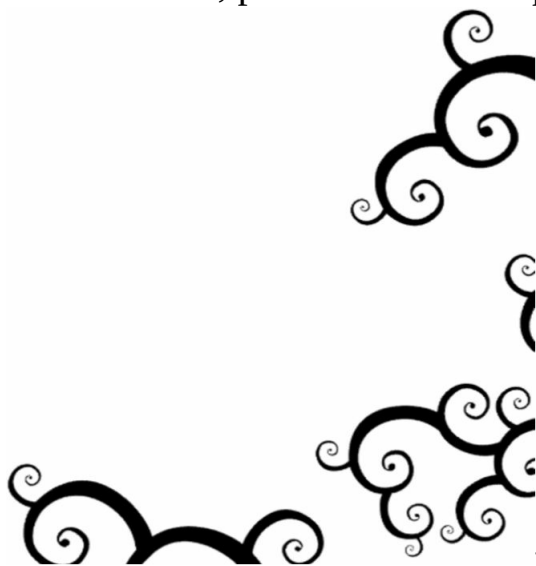
Seguiram caminhando por aquela, até então, infindável estrada de pedra. Fred sentia seus pés doerem, se perguntando mentalmente quando encontraria as crianças restantes e se elas estariam na mesma situação de Robbie e Aurora.

— Veja! — falou Robbie, estendendo o braço na direção de uma pequena catedral que se erguia à frente. Era quase que uma miragem que surgia, depois de caminharem tanto em uma paisagem imutável.

— Finalmente algo além de árvores... — murmurou Fred, aumentando o passo na esperança de chegar mais rápido naquela pequena construção.

\*\*\*

A estrada se findou em uma área gramada aberta, mostrando ao centro uma capela cercada por uma cuidada cerca de madeira branca. Eles aproximaram-se, parando diante da porteira de entrada.



— Acha que devemos entrar aí, Fredderick? — perguntou Josef, olhando o escritor de forma enigmática.

— É a única opção — afirmou o escritor. Era entrar ou ficar ali, esperando

alguma coisa acontecer. Aquela capela lhe dava arrepios, como se uma estranha energia rondasse aquela pequena construção.

Um grito estridente cortou o ar, desviando a atenção de todos para Aurora parada diante de uma das estacas da cerca, trêmula e com as mãos ensanguentadas. À frente da jovem, havia uma cabeça de bode espetada com a letra *P* gravada na testa.

“*Você sabe o caminho, você sabe as respostas.*”, a voz do estranho soou novamente na mente de Fred, como um guia que o incentivava no que já pensava em fazer.



## Capítulo 11

— Aurora! — Robbie correu até a jovem paralisada, olhando as mãos sujas de sangue fresco. — Está tudo bem... é só a cabeça de um animal. — Ele tentou reconfortá-la, mesmo sentindo-se desconfortável com a imagem.

— Não. Não é só um animal... é um sinal! É um sinal! — Ela alterou-se, tentando limpar as mãos no vestido claro onde deixava filetes vermelhos.

— Como assim um sinal? — perguntou Fred, intrigado. Podia ser apenas mais uma das formas estranhas daquele lugar se mostrar, mais uma peça daquela ordem de acontecimentos desconectados.

— Ela está falando coisas sem sentido — interveio Josef, parado ao lado da porta da capela, com os braços cruzados em uma expressão facial mais séria do que o costureiro. Enquanto os outros falavam sobre a cabeça do bode, ele abriu a porteira e seguiu até a entrada da construção. — Vamos entrar ou não?

— Certo, vamos — concordou Fred, respirando fundo. Precisava preparar a mente para o que quer que estivesse lá dentro; com tudo que já viu desde que chegou naquela dimensão, só esperava o pior. Seguiu até o cientista e empurrou a porta dupla, abrindo-a em um alto ranger. Ao contrário de como era por fora, o interior da capela mostrava um salão digno de ser uma catedral gótica. Com um alto e espelhado teto, exibindo imagens gravadas e uma grande cruz à frente do altar.

O escritor hesitou em dar o primeiro passo para o interior do local, no entanto, precisava passar confiança para os jovens que o seguiam. Os outros entraram logo após ele, observando o espaço que parecia intimidá-los em tamanho, fazendo-os sentir-se apenas pequenas figuras dentre os bancos de madeira.

— Eu não me sinto bem. Não devíamos ter entrado — disse Robbie, sentindo os batimentos acelerarem. As imagens, a cruz, o piso brilhoso de madeira escura... Tudo o que deixava zozinho, era como se o observassem, o

acusassem.

A porta se fechou bruscamente atrás de todos, fazendo Fred sobressaltar-se. O escritor voltou naquele instante, sacudindo-a para confirmar o que sua mente já havia lhe dito.

— Acho que não tem como dar meia volta, estamos trancados — observou ele, engolindo seco.

— O jeito agora, é explorar o local — pronunciou-se Josef, parado ao lado de uma estátua observando os detalhes como se realmente estivesse interessado na escultura.

Uma canção começou a soar pelo local, antes que seguissem na direção do altar em busca de alguma outra passagem. Cantada por um coro de vozes femininas e masculinas, que aumentavam e diminuía de volume a cada segundo; as mudanças drásticas causavam desconforto aos jovens, que tampavam os ouvidos quando as vozes ficavam excessivamente altas.

— De onde isso está vindo? — indagou Aurora, caminhando pelo local, em busca da origem daquele som. — Parece estar tão... — Ela se interrompeu, ao ver o coral surgir como uma projeção à sua frente. — Perto.

A maioria dos que cantavam eram crianças, usando túnicas brancas e pequenos crucifixos dourados no pescoço. Seus olhares vazios e opacos, e pele translúcida como se fossem fantasmas. A exceção, era um jovem de aparentemente vinte e três anos, ao lado das crianças, apenas movendo os lábios como se estivesse cantando; a imagem dos outros desaparecia e retornava a cada segundo, aumentando ainda mais o foco no rapaz de lisos cabelos loiros que parecia palpável.

— Estão vendo o mesmo que eu? — perguntou Aurora, voltando-se para os outros.

— Perfeitamente — respondeu Josef, de forma indiferente, sentando-se em um banco e pousando as pernas sobre outro. — E, Fredderick, acho que aquele garoto mais alto ali é um dos que você procura.

Ao ouvir a fala de Knox, Fred estreitou os olhos e caminhou até o jovem no estranho coral, que mantinha uma pose aprumada e olhar fixo à frente.

— Olá?! — chamou o escritor, sem resposta. O outro tinha uma expressão assustada, com um olhar vidrado. — Consegue me ouvir?

— Shhh... — O jovem levou o indicador trêmulo aos lábios, sinalizando silêncio. — Elas podem te ouvir... — sussurrou.

— Elas quem?

— As donas dessa igreja. Tenho que seguir o que elas mandam, se não,

me castigam.

Fred sabia que aquela igreja guardava algo além de um coral projetado. Estava cansado, porém tinha que seguir com o principal motivo de estar ali.

— Não tinha ninguém aqui quando cheguei — afirmou ele, quase em uma fala para si mesmo.

No mesmo instante, o jovem soltou o ar aliviado e a canção parou, fazendo as crianças ao seu lado desaparecerem.

— Ainda bem que elas se foram. Não quereriam encontra-las aqui. — O jovem voltou finalmente o olhar para Fred, após piscar algumas vezes. — Me chamo Charlie. Você e seus amigos estão há quanto tempo nessa dimensão?

— Desde que cheguei aqui, eu diria que... Um dia, mais ou menos. Quanto aos que vieram comigo, eu não sei dizer — respondeu Biersmich, coçando a nuca em confusão. — Quando veio para cá, era criança, certo?

— Mais ou menos, mas pode se dizer que sim. Como sabe disso?

— Estou aqui para tirá-lo daqui — afirmou firmemente. — Patrick Knox, um cientista do lado de fora, disse que posso voltar que a radiação não me afeta e algo assim...

— Quanta convicção! — ironizou Josef atrás deles, recebendo um olhar de reprovação de Robbie e Aurora. — Enquanto o salvador não acha um portal mágico sinalizando a saída, por que não nos diz se nesta *magnífica* catedral há algum lugar menos macabro, para descansarmos os pés?

— Bem, acho que os quartos do convento aos fundos devem servir — respondeu Charlie, encolhendo os ombros.

— Um convento? — surpreendeu-se Fred, franzindo as sobrancelhas ao lembrar o quão pequena aquela capela parecia do lado de fora. — É melhor do que ficar aqui esperando outra coisa esquisita acontecer.

Charlie esboçou um leve sorriso nos lábios finos e fez um sinal com a cabeça para que o seguissem, guiando-os até a ala dos fundos; seguiram por um estreito corredor, iluminado apenas com as frestas de luz solar que saíam dos rachados no teto de blocos de pedra. Ele parou subitamente no meio do local, e virou-se olhando todos.

— Então ... — Ele apontou para as várias portas, nas paredes laterais. — Podem escolher seus quartos! Não posso garantir que são seguros, mas já é alguma coisa.

— Certo — concordou Fred. — Acho melhor, vocês fiquem dois em cada quarto. Assim ninguém corre o risco de ficar preso em alguma situação ou ser surpreendido por algum perigo. Robbie e Aurora, Charlie e Josef. O que

acham?

— E você com um só seu — observou Josef. — Por mim tudo bem. Acho justo.

O escritor escolheu o primeiro dormitório, e, os outros, os laterais ao seu. Não arriscariam se distanciarem muito, principalmente naquela dimensão mutável.

Fredderick respirou fundo e entrou no cômodo, abrindo cuidadosamente a porta de madeira gasta. Foi como se sua visão desfocasse tudo ao redor e deixasse nítido apenas um objeto à sua frente: A caixinha de música. A bailarina girava naquela doce e ritmada canção, ecoando suavemente na mente de Biersmich. Diferentemente de quando o objeto apareceu na casa, estava hipnótico e chamativo com a boneca giratória em uma aparência mais realista.

*“Lembra de sua infância, Fredderick?”* ele lembrou da pergunta que Patrick o fez, minutos antes de entrar no buraco negro. Começou a sentir-se fraco, gradativamente, o suor frio escorria por seu rosto e sua visão escurecia, até sentir seu corpo cair contra o chão de madeira.

## Capítulo 12

O quarto pequeno e abafado puxava o ar de Robbie, que se sentiu angustiado assim que entrou no cômodo com Aurora. A única janela que havia, estava bloqueada por duas tábuas cruzadas, deixando o sol formar o que parecia a sombra de uma cruz no piso bruto.

Aurora não sentia o mesmo desconforto do outro, preocupando-se apenas com o vestido sujo de sangue de bode.

— Robbie, poderia me ajudar aqui? — pediu ela, tentando alcançar os laços que haviam atrás do vestido. — Ficarei apenas com a camisola e a calça de algodão, já que o sangue pode sujar mais coisas.

Robbie seguiu até a amiga, ajudando-a e observou a única cama no quarto; além de ser pequena, tinha um fino colchão sobre uma grade nada confiável.

— Pode ficar com a cama. Eu durmo no chão — concluiu ele.

— Tem certeza? Podemos dividir espaço.

— Tenho — reafirmou o jovem, deitando-se sobre o piso bruto. — A madeira é frágil, poderia ceder com nós dois sobre ela.

Por fim, Aurora aceitou, seguindo para a cama após retirar as botas brancas.

Robbie fechou os olhos para tentar dormir, afinal, precisaria de energias para continuar. Entretanto, não conseguia pegar no sono com uma estranha sensação assolando-o; era como se houvesse alguém deitado logo atrás, respirando lentamente em sua nuca. Resolveu virar-se na direção oposta, porém a presença apenas aumentou, tornando-se mais próxima.

O jovem sentiu então, um suave e macio toque sobre seus lábios, abrindo rapidamente os olhos.

— Aurora...? — murmurou ele, levemente atordoado.

A outra, no entanto, não respondeu. Permaneceu a encará-lo, com um sorriso fixo nos lábios corados. Em um rápido movimento, ela subiu sobre ele passando as pernas sobre o quadril do jovem deixando o sorriso alargar-se.

— Aurora... O que está fazendo? — perguntou Robbie, assustado com a atitude da amiga.

Ela pousou o indicador suavemente sobre os lábios dele, e retirou calmamente a fina camisola que usava, sua única peça de roupa; não usava as calças de algodão como antes. Aurora se curvou tomando os lábios do outro em um beijo, desta vez, mais intenso e caloroso.

Robbie se viu tomado pelo desejo. Suas mãos percorreram as costas nuas da jovem, enquanto os lábios sentiam o doce sabor da boca da amiga. Porém, naquele mesmo momento, sua mente girava em turbulências e contradições; ele não devia, era errado e ela parecia tão diferente da Aurora que conhecia.

— Espere! — Ele a afastou, empurrando-a com as duas mãos. — Não podemos continuar seja lá o que for que estamos fazendo... — Ele percorreu o olhar pelo corpo dela, notando estranhas e novas sensações o invadirem, e o desviou. — Éramos crianças antes de chegarmos aqui. Crianças! Não vê o quanto isso, é estranho?

— Éramos. Não somos mais — sussurrou ela, sorrindo maliciosamente.

— Não... Você não é a Aurora! — alegou ele, a tirando de cima de si e afastando-se. — Quem é você?

A mulher ao seu lado se transformou. A pupila de seus olhos girou, ficando apenas o globo branco à vista e os dentes se tornaram afiados e pequeninos.

— Pagãos não são aceitos nesta igreja. Ninguém de seu sangue, Robbie Neville! — falou ela, em uma voz duplicada. As unhas da outra começaram a crescer, se transformando em grandes agulhas, as quais ela as cravou no peito do jovem, perfurando lentamente a pele alva de Robbie.

Robbie não conseguia respirar, todo o oxigênio estava sendo levado de seu corpo, o atrofiando, como se uma seringa perfurasse seu pulmão e o sugasse.

— A – Aurora... — murmurou ele, de forma quase inaudível. Sentiu alguém tocar-lhe o ombro logo após o chamado, e, em um susto repentino, a mulher desapareceu diante de seus olhos. A respiração de Robbie permaneceu descompassada por um longo momento, antes de normalizar-se.

— Robbie, o que houve? — perguntou Aurora, em uma expressão preocupada, sentando-se na cama.



— Nada... Só mais uma alucinação desta dimensão — respondeu o jovem, ocultando todo o ocorrido.

\*\*\*

Josef permaneceu sentado no canto do quarto, observando o brilho das ligas de cobre de seus dedos sob a luz da lua. Era incrível como o dia e a noite oscilavam tão rápido, podia ser questão de minutos. Voltou a atenção para Charlie, estirando na cama ao lado, notando-o roncar em sono profundo.

Knox levantou-se e saiu do quarto silenciosamente. Seguiu pelo corredor em passos calmos e despreocupados, sem se importar com a escuridão que assolava o lugar. As sombras que rodeavam as paredes e o teto, seguiam-no como servos atrás de seu mestre. Josef voltou para o salão da capela, até o lado de fora, onde uma pessoa o aguardava parada ao lado da cerca; o estranho usava uma longa capa marrom com um capuz que lhe cobria a face.

— Está aqui como o combinado... — pronunciou-se o cientista, esboçando um sorriso ladear.

— Por que não estaria, Josef? — perguntou, virando-se e consequentemente deixando o capuz cair. Revelou-se uma mulher de longos cabelos loiros.

— Poderia ter ficado presa com uma projeção do meu irmão, nunca se sabe — brincou Josef, aproximando-se. — Fez uma boa escolha, Suzan.

— Eu escolhi a liberdade — afirmou ela, em um ar vitorioso. — Como estão os subordinados, seguindo tudo como o esperado?

— A liberdade é um ponto de vista bem variável. — Knox ergueu novamente o capuz de Suzan. — Dos seis jovens, apenas três sairão desta dimensão. Tudo corre como o esperado e... Fique à vontade para chamá-las.

## Capítulo 13

Fred esforçava-se para dormir, nem que fosse por alguns minutos. Ainda não conseguia acreditar que estava há tanto tempo sem comer, beber ou dormir, sem sequer sentir necessidade disso. O cansaço anterior foi como uma sensação passageira.

O escritor sentou-se na cama e esticou as pernas, logo observando os pés pequenos em sapatinhos que não pareciam pertencer a época atual. Novamente na forma infantil; com ele funcionava ao contrário dos outros, oscilando entre a forma adulta e a aparência de um menino de sete anos. Levantou-se olhando as próprias roupas, um fraque branco como se fosse para alguma festa.

Um papel balançava freneticamente, preso em um dos pregos das tábuas que bloqueavam a janela. Fred arrancou-o, desamassando-o para tentar ler as pequenas letras sobre a folha amarelada. Parecia ser o fragmento de um artigo de jornal, onde o pouco que restou estava desconexo demais para entender do que se tratava.

*“[...] Transferidos por possível... Perigo radioativo ameaça as...”*

As palavras entre o pequeno texto informativo desapareciam nas manchas marrons, como uma matéria antiga abandonada ao acaso.

— Vai vir ou não? — Uma voz cortou o espaço, fazendo o escritor erguer o olhar para um adolescente de abundantes cachos loiros.

— Para onde? — perguntou ele, levando o papel ao bolso, porém, a folha evaporou ao ar antes de ser guardada.

— Não finja que não sabe! — O outro virou-se e desapareceu da visão do escritor.

Fred resolveu segui-lo. Talvez ele o levasse para alguma resposta, ou apenas outra armadilha, era um risco que estava disposto a correr. Sabia que naquela dimensão, após tudo que lhe ocorreu, ele poderia não só encontrar as crianças, mas também partes antes nebulosas de sua própria memória.

O adolescente levou-o até uma grande sala, que provavelmente não pertencia ao convento, onde uma comprida mesa ao centro exibia um farto banquete, digno da realeza. Dentre as inúmeras cadeiras vazias, o outro sentou-se entre um jovem de aparência idêntica e uma versão rejuvenescida de Matilde.

A mulher não estava assustadora como no casarão, exibindo um largo e convidativo sorriso nos lábios vermelhos como os cabelos. Ela estendeu graciosamente a mão, indicando para Fred a cadeira diante da sua.

— Eu fiz a sua torta favorita, filho — disse Tilde, pegando a travessa de torta que os gêmeos lhe passavam. Uma leve fumaça subia ao ar, contaminando o ambiente com o cheiro embriagante da massa recém assada.

— Mas, eu não sou seu filho. Patrick e Josef Knox são! — alegou o escritor, observando-a cortar uma fatia com uma espátula de prata.

— Falando tolices, assim como o seu pai!

— Mas é a verdade! — Fred cruzou os braços em uma atitude tipicamente infantil; consequência quase que involuntária de se encontrar naquela forma.

Os outros três soltaram uma alta e sincronizada risada, aprumando-se nos acentos. Tilde retirou um pouco da torta de frango com uma colher pequena, exibindo o molho vermelho e succulento.

— Está fazendo a torta esfriar — observou ela, em um tom cantado. — Coma, querido!

— Come! Come! Come! — repetiam os gêmeos, com olhares alucinados.

Fred voltou o olhar para o alimento, sentindo o estômago revirar ao vê-lo modificar-se em questão de segundos; os fiapos de frango se tornaram pequenas larvas brancas, remexendo-se no molho que se transformou em um escuro e espesso sangue. A colher avançava em sua direção e ele trancou os lábios para evitar o que estava por vir. No entanto, um dos gêmeos transportou-se da cadeira para o lado do escritor, apertando as bochechas dele fortemente e forçando-o a abrir a boca.

Os vermes moviam-se sobre a língua de Fred, o gosto do sangue escorria para a garganta do jovem que regurgitava em desesperadora agonia.

— Fred! — Um forte grito fez o escritor sobressaltar-se, como alguém que acorda subitamente de um pesadelo.

Biersmich percorreu os dedos pelo pescoço, ainda com a desconfortável

sensação dos seres rastejantes forçando-se para serem digeridos, percebendo-se livre daquela situação. Ergueu o olhar para Charlie, que o observava com uma expressão assustada logo a frente de Robbie e Aurora.

— Está tudo bem? Estava se sufocando — disse o jovem, pousando levemente as mãos sobre os ombros do escritor.

— Acho que sim — respondeu ele, tateando-se e vendo que voltara a forma adulta. — Foi só uma alucinação. Onde está Josef? Precisamos continuar.

— Ele não estava no quarto quando eu acordei — disse o jovem, coçando a nuca de forma desconcertada. — Por isso, acordei os outros e viemos atrás de você.

Fred engoliu seco ao ouvir a fala de Charlie; tinha dito à Patrick que levaria Josef de volta. Correu pelo corredor, seguido pelos outros, até o salão da capela. O escritor paralisou assim que chegou ao local, encontrando o cientista amarrado a uma estátua no canto ao lado do altar.

A corda grossa dava várias voltas pelo corpo do cientista até o pescoço, a boca amordaçada com um pano marrom

— O que houve com ele? — indagou Aurora, em uma expressão assustada.

— Deve ter ficado preso na própria mente — deduziu Robbie, caminhando pelo salão em busca de uma saída.

— Não... Eu acho que não. Ele parecia ter bastante controle por aqui — afirmou Fred, seguindo até Josef e retirando a mordaça. — Venham, me ajudem a desamarrá-lo!

Robbie e Aurora correram até o cientista, dispondo-se a desamarrar os nós da corda, já Charlie permaneceu no lugar.

— Frederick tem razão — concordou Josef, balançando o pescoço ao sentir liberto da corda. — Não foi minha mente que me aprisionou aqui...

— Eu sabia! Não estamos sozinhos! Temos que sair daqui! — Charlie alterou-se, correndo até eles e puxando fortemente as amarras do cientista.

Fred esforçava-se para desatar o último nó, sentindo os dedos arderem assim que conseguiu fazer a volta cair ao chão junto com as outras que os jovens desfizeram.

— Precisamos ir antes que elas voltem. — Knox disse em um tom ofegante, apoiando as mãos aos joelhos.

— Elas? Elas quem? — questionou o escritor.

— Tarde demais. — Josef ergueu o olhar, deixando uma expressão

assustada tomar-lhe a face. — Estão aqui.

## Capítulo 14

Ao ouvir Josef, Fred virou-se na direção da entrada da catedral. Um grupo de freiras surgiu ao longe, aproximando-se gradativamente com os pés pairando sobre o chão.

— Elas não me parecem tão ameaçadoras — afirmou Biersmich, estreitando os olhos para observar as figuras distantes.

Charlie desesperou-se, correndo de janela em janela à procura de uma que abrisse.

— Olá! Sabem como saímos daqui? — Perguntou Aurora, sem resposta, vendo de forma desfocada as freiras que seguiam até eles.

Robbie empurrou a estátua, onde Josef antes estava, revelando uma grande janela sem vidraça.

— Gente, achei uma passagem! — Exclamou o jovem.

Charlie foi o primeiro a correr até o local, passando pela abertura sem hesitar. Não queria ficar naquele espaço, principalmente por saber quem elas eram.

O escritor parecia hipnotizado com a imagem que se tornava cada vez mais próxima; Aurora tentou puxá-lo, entretanto, ele permaneceu onde estava. Fred percebia que as três freiras se modificavam a cada centímetro, tornavam-se sombrias com as cavidades oculares sem os orbes.

Robbie, sem aguentar esperá-lo, passou pela janela.

Aurora passou.

Josef passou.

Na travessia do cientista, a passagem começou a se fechar lentamente. Charlie então, mesmo com a reprovação dos outros, retornou à capela; sabia que Fred era a única pessoa que podia tirá-los daquela dimensão, o único que parecia diferente e menos surreal naquele lugar.

— Ei, acorde! Precisamos de você! — O jovem sacudiu os ombros do escritor, tirando-o do transe e ambos correram até a passagem.

Do outro lado, via-se a área gramada e a cerca branca que circulava o local. Charlie atravessou novamente e estendeu a mão para Fred, que se espremia o máximo para tentar ultrapassar o vão quase fechado.

— Não conseguirei — afirmou, sentindo o ar faltar por ter o peito pressionado. — Estou praticamente dividido ao meio.

As costelas dele doíam, a cabeça girava e ele podia sentir uma mão praticamente descarnada segurar-lhe o pulso.

— Vão ficar olhando? Puxem ele! — alertou Robbie, segurando o braço do escritor e começando a puxá-lo. Os outros repetiram o movimento do jovem, firmando os pés na grama e o ajudando a puxar Frederick.

“*Suas pendências não o deixam ir, escritor?*” Biersmich ouviu a voz do enfumaçado em sua mente, virando o rosto para o lado de dentro da catedral. Uma das freiras, observava-o com um sorriso largo nos lábios finos, fazendo seu medo aumentar.

— Fique conosco, menino de sangue duplo — pediu a mulher, colocando sobre a palma da mão do escritor a já conhecida caixinha de música. — Ela já te salvou de muita coisa. Não se lembra?

O objeto não ficou por muito tempo na mão de Fred, transpassando-a e indo de encontro ao piso da capela, desfazendo-se em pedaços.

— Sangue duplo? O que quis dizer...? — Antes que terminasse a pergunta, ele sentiu-se cair contra a grama úmida do lado de fora.

— Está tudo bem, Frederick? — perguntou Charlie, olhando.

— Eu não sei... Devo estar — respondeu, levantando-se. — Parece que, essa dimensão quer me dizer algo. Acho que tem alguma informação que deixei passar, é tão... Tão desconexo!

— Essa dimensão ou seu inconsciente? — interveio Josef, levantando uma sobrancelha.

\*\*\*

O gramado se estendia além da cerca branca em uma paisagem infundável. Como uma tela verde e azul em um alinhamento perfeito com o horizonte. Os jovens seguiam por ela, caminhando em um ritmo rápido, porém, era como se não saíssem do lugar. Charlie arriscou correr por um tempo, até cansar e acompanhar o passo dos outros.

— Já caminhamos por muito tempo e não chegamos a lugar algum — afirmou Robbie. — Aqui é como a trilha de pedra, só que em uma forma menos medonha.

— Chegaremos a algum lugar, chegaremos na saída. Voltaremos todos para casa — observou Fred. — Assim como encontramos a capela no final da trilha de pedra, devemos esperar um fim da linha nesse campo.

— Voltaremos? Quanta alegria — ironizou Josef, caminhando ao lado do escritor. — Tudo que vemos são situações e mais situações. E onde estamos? Ainda nessa dimensão!

— Não quer voltar? Pelo modo que fala, parece que não. Se porta com tanta tranquilidade desde que apareceu, se diz em controle de tudo... Está bem aqui! — Fred alterou-se, massageando as têmporas ao sentir a cabeça doer.

— Veja! — interrompeu Charlie, apontando para a frente. — Frederick está certo!

Um casebre se erguia à frente, com a pintura impecável em tons claros e rosas brancas plantadas ao lado da porta de madeira; a construção menos ameaçadora desde que o escritor atravessou o buraco negro.

— Não parece a saída... — falou Aurora, levemente confusa.

— E com o quê a saída se pareceria? — questionou Knox, desviando o olhar para a jovem.

— Fiquem por aqui. Vou ver como é o interior da casa e checar se é seguro — afirmou Fred, e os outros confirmaram balançando a cabeça. — Não se distanciem muito, certo?

— Certo. Apesar de não termos outra opção, parece que esse casebre não é tão ruim assim. — Robbie se pronunciou, sentando-se na grama. — No entanto, tenha cuidado, essa dimensão nos engana. Aqui pode acabar sendo até mais perigoso.

— Eu espero que não — contestou Aurora.

Biersmich assentiu com um leve aceno de cabeça e virou-se, seguindo para a entrada do local. Já tinha encontrado três das crianças mandadas para lá. Será que naquele casebre alguma se escondia? Estaria em forma adulta como as outras? O enfumaçado lhe disse que naquele lugar haviam seis.



As perguntas giravam na cabeça de Fred, enquanto ele tocava a maçaneta respirando fundo, e, antes que a girasse, a porta se abriu.

## Capítulo 15

— Olá, Frederick Biersmich! — Cumprimentou Susan, abrindo um largo sorriso ao ver o rapaz parado à sua frente. Ela usava o mesmo vestido que o escritor viu na boneca de porcelana no outro lado, exceto a maquiagem que em tons mais claros passava um ar mais meigo e doce.

— Você deve ser a namorada de Patrick... — deduziu o escritor. — Como sabe quem sou?

— Eu era — afirmou ela, fechando a expressão por um segundo, antes de retornar ao sorriso aparentemente amigável. — Conheço o homem que lhe recebeu aqui, e, por isso, sei sobre você. — Ela afastou-se, abrindo passagem para Fred.

— O homem? Então, a criatura que me recebeu era um homem, e você o conhece. — Ele entrou, olhando ao redor com desconfiança; a casa parecia ter no máximo quatro cômodos, com duas portas de entrada nas paredes laterais da pequena sala de estar. O espaço era preenchido apenas por uma peça de centro quadrada, sem nenhum outro móvel.

— Certamente. Ele só não se revelou para você, porque não era a hora. — Ela fechou a porta atrás de si, e o olhou levantando as sobrancelhas em um olhar bem mais malicioso do que mostrava anteriormente. — Já encontrou três das crianças, não foi?

— Não eram exatamente crianças, mas sim — afirmou Fred, tentando manter uma postura firme.

— Ótimo! Está no caminho certo, na verdade, está na estação final — contou ela, caminhando até uma porta pintada de azul-claro na parede ao lado, e a abrindo.

Um quarto infantil se revelou, enfeitado com papéis de parede de desenhos variados; borboletas, estrelas e casinhas. Duas crianças, sentadas em uma pequena e arrumada cama, brincavam com pequenas bonecas de porcelana. O colchão estava repleto de brinquedos artesanais, enfileirados em perfeita

ordem.

— Estação final? — questionou Fred, confuso. — Vejo duas crianças. Pelo que sei, falta uma.

Alguma coisa parecia errada ali, elas não estavam em uma forma diferente como os outros que encontrou.

— Por que não vai falar com elas? — sugeriu Susan, esboçando um sorriso ladear e encostando-se no batente.

\*\*\*

Robbie se encontrava sentado à sombra de uma grande árvore, à frente da casa. Não estava ali anteriormente, porém quando Fred entrou no casebre muita coisa mudou na paisagem do lado de fora, novos elementos surgiram. O vento fresco batia em seus pequenos cachos negros e, pela primeira vez, sentia-se calmo. Podia ver Charlie sentado ao lado de um canteiro de rosas brancas observando distraidamente uma borboleta voar, mas não via sinal de Josef e nem se importava; de alguma forma, não se sentia bem na presença do cientista.

— Em que pensa, Robbie? — perguntou Aurora, se aproximando calmamente. Usava um esvoaçante vestido rosa claro.

— Um turbilhão de coisas. — Ele afastou-se, esperando que a amiga sentasse ao seu lado. — Onde conseguiu esse vestido?

— Na verdade, não sei — respondeu Aurora, sentando-se e esticando as pernas na grama. — Apenas pensei nele, e quando me vi, estava vestida. E... Essa árvore que estamos encostados, também não existia.

— Acho que pensei nela. — Robbie riu. — Sabe, eu estive pensando algo, desde que aquele estranho apareceu. — Ele deixou as costas relaxarem no tronco da árvore, e voltou o olhar para a jovem. — Sabe, às vezes me pego pensando em como era boa a época que pegávamos os brinquedos que meu pai fazia e íamos para a mansão. Juntávamos todos nós, nos divertíamos até...

— Até todos irem embora — completou Aurora, em um pesado suspirar.  
— Foi o melhor para eles, você sabe. Nossos pais escolheram ficar em *Cidadoll* por algo maior.

— Meu pai escolheu se matar. — Robbie abaixou o olhar, sentindo as lágrimas embaçarem sua visão. — Deixou minha mãe sozinha por minha causa, porque eu...

— Não foi culpa sua. — Ela pegou a mão do amigo com ternura, esboçando um sutil sorriso. — Tinha muita coisa acontecendo na cidade, não sabíamos nem da metade.

— Sabe... E se não houver uma saída? E se, na verdade, morremos e estamos nessa *dimensão fantasma* para sempre?

— Ro, não diga isso... — Ela segurou levemente o rosto dele, o olhando com preocupação. — Vamos voltar para casa. Sairemos dessa loucura!

— Não vê os fatos, Aurora? Podemos plasmar coisas com nossos pensamentos! Nossas culpas... O que nos incomoda aqui é exposto como um espelho! — Ele respirou fundo retomando os batimentos levemente acelerados. — Aqui, não temos noção do tempo, podemos estar neste lugar há séculos! E se voltarmos? Ainda teremos nossas famílias? Minha mãe? Nos reconhecerão? — Lágrimas escorriam pelas bochechas quentes do jovem. — Eu estou morto! Essa é a conclusão. Às vezes, nem sei se você é real.

— Pareço não ser real? — perguntou ela, de forma indignada. — Está se perdendo, Robbie! Eu sei que não morremos. Eu sinto isso! Eu estou aqui... estou aqui... — Ela pousou a cabeça dele em seu ombro, acariciando suavemente os cabelos do jovem. — Eu sou real, por favor, não perca a cabeça. Estamos voltando para casa.

## Capítulo 16

Fred entrou no quarto em passos desconfiados. As crianças viraram-se na cama, olhando-o com expressões serenas e esboçaram para ele gentis sorrisos. Elas afastaram os brinquedos, deixando um espaço a mais ao lado das bonecas de porcelana.

— Olá? — Disse Fred, de maneira desconfiada, franzindo levemente o cenho.

— Olá, tio Knox — cumprimentou uma garotinha, enquanto a outra permaneceu em silêncio encarando o escritor. — Quer brincar conosco?

— Bem, estou aqui para... um momento, Knox?

A criança não respondeu, voltando a brincar tranquilamente com as pequenas bonecas de porcelana.

— Fredderick Biersmich, na verdade, é Fredderick Knox! Graças a nossa boa família. — O escritor ouviu a voz de Josef atrás de si, e paralisou com a informação recebida. Como ele poderia ter o mesmo sobrenome dos cientistas? Aquilo não se encaixava, não podia ser certo.

— Não... isso não faz sentido.

— Encare os fatos. — Knox se aproximou, tocando levemente o ombro de Fred. — Bloqueou suas memórias, misturando suas lembranças de infância. O casarão que invade suas lembranças e sonhos, é a casa de Matilde. Nossa mãe! — Ele riu e revirou os olhos. — Bem, depois foi realmente para um orfanato...

— Como sabe de tudo isso? — perguntou Biersmich, ainda sem aceitar o que ouvia.

— Porque foi eu quem lhe entregou para adoção. E ninguém sentiu sua falta! — A voz de Josef se modificava enquanto falava, ficando idêntica à do enfumaçado. — Pobre garoto, teve sorte em não vir na infância, porém, o destino o trouxe diretamente para cá!

Fredderick virou-se rapidamente, vendo dois olhos vermelhos a encará-lo.

— É você! Sempre foi você! — Ele se afastou assustado, seguindo para o outro lado do quarto. — Estava me guiando para... não. Não pode ter feito isso. Ainda tenho que encontrar a sexta criança.

— Você é a sexta criança — afirmou o enfumaçado.

As duas crianças que estavam no quarto se retiraram em passos calmos, sendo recebidas por Suzan no outro cômodo.

Uma misteriosa luz branca invadiu o local, bloqueando a visão e Fred por um breve momento. Ao dissipar-se, o escritor se viu parado atrás de uma grande árvore. Seus pés descalços tocavam uma superfície densa e viscosa, a escura lama do pântano de *Cidadoll*. Do lugar em que estava, podia ver a extensa área de plantas mortas, aos fundos da casa de Matilde; estava vivenciando uma lembrança, acessando uma parte bloqueada de muitas que ainda haviam.

Não demorou muito, para que o escritor visse Josef e Suzan saindo pela porta dos fundos do casarão. Eles trocavam risadas e olhares maliciosos, enquanto caminhavam em direção ao gerador que usaram para mandar as pessoas para aquela dimensão.

— Então, essa é a poderosa máquina — perguntou ela, encarando Knox com um olhar levemente incrédulo.

— Obviamente. Ela ativa a radiação existente aqui, e pode teletransportar qualquer um para outra dimensão, sem precisar morrer para tal façanha — respondeu ele, esboçando um sorriso ladeado. — Forjarei uma “partida acidental”, e assim que for, irá também! Lá nossa mente nos guiará.

— E quanto ao garoto? Já cuidou de tudo?

— O bastardo? A dona do orfanato da capital, virá buscá-lo em breve. O levarei para um lugar... seguro. — Ele aproximou-se de Susan, a estreitando nos braços. — Ele é a porta de passagem para o mundo. Ele é a chave!

Fred ouviu o estalo de uma folha seca ao lado, desviando a atenção da cena para um garotinho. Não o havia notado ali antes, observando tudo que acontecia assim como ele naquele momento; reconhecia aquele menino, que o acompanhava em seus sonhos e naquela dimensão.

Ao ouvir o barulho, o cientista afastou-se de Suzan e voltou-se na direção dos dois que esboçaram a mesma expressão de espanto.

— Falei para ficar na casa! — esbravejou Josef, seguindo na direção do garotinho em passos firmes.

— Não... Por favor, eu não fiz nada! Me deixe ficar com a mamãe... —

choramingou o garotinho. Fred surpreendeu-se ao falar exatamente no mesmo momento em que a criança, a mesma frase e no mesmo tom.

— Você morreu, Fredderick! Morreu! — O cientista segurou-o pelo punho, encarando-o ameaçadoramente.

— Eu... Eu... — Os olhos do escritor marejaram, enquanto ele erguia o olhar para Knox centímetros mais alto. Ele era o garotinho, era ele o tempo todo.

— Eles pensam assim — completou Knox, arrastando-o em protestos por uma trilha bosque adentro.

A cena cortou, como se o escritor saltasse na linha do tempo e ele sentiu as costas chocarem contra uma parede de madeira. Estava em uma sala vazia, sozinho, apenas com uma caixinha de música ao lado; o objeto parecia acalotá-lo de alguma forma, e o pequeno pegou o brinquedo girando a pequena manivela ao lado.

A pequena bailarina girava, em uma doce canção que aumentava a melancolia do lugar e fazia o peito de Fred apertar em angústia. O garotinho então, derramou-se em lágrimas, em um choro que não seria ouvido. Ele só queria voltar para casa.

— Bem-vindo de volta à família, Fredderick! — Ele ouviu a voz do enfumaçado atrás de si, virando-se rapidamente. Se encontrava novamente no quarto do casebre, com o rosto molhado das sensações fortes da cena que presenciou. — Está exatamente onde eu queria que estivesse.

O escritor estava em um leve estado de choque com o pouco que lembrou de si mesmo, abaixando o olhar para as mãos e dedos compridos e finos de um adulto.

— Eu preciso sair daqui... — murmurou ele, ainda sem encarar o cientista. — Patrick precisa saber o que você fez, e quem realmente sou.

O escritor estava em um leve estado de choque com o pouco que lembrou de si mesmo, abaixando o olhar para as mãos de dedos compridos e finos de um adulto.

— Eu preciso sair daqui... — murmurou ele, ainda sem encarar o cientista. — Patrick precisa saber o que você fez, e quem realmente sou.

## Capítulo 17

— Você vai e levará uma marca — afirmou Josef, segurando firmemente o pulso do escritor em um movimento rápido.

Fred sentiu a pele queimar, desvencilhando-se com dificuldade da mão de cobre de Knox. A raiva o invadia, em uma proporção que nunca sentiu; saber que estava diante do homem culpado por toda aquela confusão, aquele borrão em sua memória, deixava-o em um misto de emoções. Em um impulso, ele deferiu um soco na face do cientista ouvindo-se um estalo, e o viu dar um passo cambaleante para trás.

— Não farei o que quer! — Bradou Biersmich veemente. — Voltarei para casa, na capital, e levarei as crianças comigo! *Cidadoll* apenas confundiu a minha vida, fazendo-me lembrar de coisas que não são reais.

De certa forma, Fred ainda tentava negar a veracidade de todo o ocorrido. Só queria sair dali, fingir que nada aconteceu e seguir uma vida normal.



Josef consertou a mandíbula deslocada, começando a rir de forma crescente. A risada do cientista ecoava por todo o local, como se estivessem em uma caverna.

— Você é um garoto muito tolo — afirmou ele, aproximando-se novamente com um sorriso ladear estampado na face. Ele ergueu o braço de cobre acima dos olhos, podendo-se ver o brilho do metal com a iluminação que vinha de fora do cômodo, e moveu calmamente os dedos como se os analisasse. — O ser humano só controla dez por cento de sua própria mente, mas aqui... Aqui vai além de qualquer estatística. Nessa dimensão podemos ter o controle de nosso consciente, subconsciente e inconsciente. Basta canalizarmos em nós mesmos e não nos deixar perder... Bem, aqui somos livres!

Em um rápido movimento, ele lançou Fredderick pelo ar, fazendo o escritor atravessar as paredes do casebre até o lado externo do local; Suzan e as duas crianças não estavam mais ali, como se a mulher tivesse poupando-as do que estava por vir. Biersmish foi parar ao lado do canteiro de rosas, onde Charlie se encontrava sentado; não sentia nenhuma dor no corpo apesar do grande choque. Em outra realidade, nem estaria vivo naquela situação.

— O que está havendo?! — perguntou Charlie, arregalando os orbes azuleiros em espanto. — Está tudo bem, Fredderick?

— Estou, por incrível que pareça — respondeu Fred, notando o gosto de sangue invadir seu paladar. A mente do escritor teve que registrar pelo menos algo daquele ato em seu corpo.

Ao longe, Robbie e Aurora o viram correndo até ele em preocupação.

— Que tipo de criatura tem lá dentro? — questionou Aurora.

— Josef. — Biersmich levantou-se, esticando a coluna em um estalar.

*“Aqui é um lugar onde a minha mente é o guia...”* pensou, e antes de dar

o primeiro passo de volta ao casebre, Robbie segurou-lhe o ombro impedindo.

— Eu sabia que não podíamos confiar nele — afirmou Robbie. — Mas não pode se arriscar entrar lá de novo. Olhe o que ele acabou de fazer!

— Eu preciso voltar lá! Pode ser a única forma de sairmos daqui.

Fred respirou fundo e retomou os passos, entretanto, antes que entrasse novamente no casebre, o chão estremeceu abaixo dos pés dos jovens fazendo todos perderem o equilíbrio.

As paredes da casa racharam e a construção foi abaixo, revelando Josef parado no centro do local. Os escombros de pedra e madeira lembravam duas colunas nas laterais do cientista, como fragmentos de construções gregas.

— É hora de decidirem qual a verdadeira casa de vocês! — anunciou Knox, abrindo os braços como se fosse acolher todos perto de si. — A pergunta é: Seu inconsciente o libertará?

Porquê... não há dor pior do que a psicológica. — Ele soltou uma sonora risada, levando os braços atrás do corpo em uma pose aprumada. — O senhor Frederick Knox está aqui, ele pode sair. Ele pode salvá-los! Façam suas escolhas, pois é a única e última chance de volta ao *lar*. — O cientista ergueu o braço mecânico, respirou fundo e o cravou no chão, podendo-se ver uma nuvem de poeira subir ao ar.

A terra estremeceu novamente, a grama se separou em um rasgar revelando a terra vermelha. Uma fenda se formou, dividindo os jovens de Robbie e Josef em um abismo vulcânico.

— Robbie! — gritou Aurora, ameaçando pular, porém, Fred a impediu a segurando pelo braço.

— Ele quis ficar — afirmou Josef, caminhando até o jovem, até então, paralisado onde estava. — Olhem para trás... A saída os espera.

## Capítulo 18

— Não... eu não vou olhar — disse Aurora, de olhos marejados. Não queria acreditar que o amigo escolheu ficar naquela dimensão, que no fundo a mente dele queria. — Robbie virá comigo. Não é mesmo? — Ela olhou para o jovem, que deu um passo à frente, porém, a fenda no chão não a permitia passar. Mesmo sabendo que àquela altura que os separava poderia ser uma ilusão, tinha medo de se arriscar e cair nas chamas ao fim da queda.

Robbie exalava angústia pelo olhar, mas não conseguia dizer uma palavra sequer. Como se sua voz entalasse na garganta; Josef estava certo, ele não poderia voltar, principalmente com tudo que carregava na mente. Não queria enfrentar o que havia lá fora, pois sentia que podia ser pior do que naquela dimensão.

— Ele escolheu ficar, madame — observou Charlie, pousando a mão direita sobre o ombro da jovem. — Temos que ir agora.

— Não! — Ela gritou, deixando as lágrimas escorrerem pelas bochechas quentes. — Isso não é verdade...

Do outro lado da fenda, um fio de arame farpado se ergueu da terra, começando a subir pelo corpo de Robbie. As pontas de ferro que saíam das laterais, rasgavam a pele do jovem o fazendo gritar de dor, até o impossibilitarem de emitir algum som; enrolavam por seu pescoço, e ao mínimo de esforço podiam decapitá-lo. Era visível um pedido de desculpas silencioso na expressão do jovem.

Fred virou-se, vendo um buraco negro à sua frente, idêntico ao qual havia entrado para chegar naquela dimensão. Era a saída, tinha que ser.

— Devemos ir — observou o escritor. — Se não formos agora, o círculo de energia poderá se fechar e ficaremos presos novamente nessa dimensão estranha. É nossa única chance!

— Tem razão! — concordou Charlie, correndo até o portal e tentando

passar, no entanto, uma força invisível o barrou, lançando-o dois passos para trás. — Vamos morrer aqui! — gritou ele, olhando assustado para Biersmich.

— Não se desespere, jovem Charlie — disse Josef, do outro lado, apoiando o cotovelo sobre o ombro de Robbie. — Apenas ultrapassará junto a Frederick. E... — O cientista desviou o olhar para Aurora, ajoelhada sobre a grama em prantos, esboçando um sarcástico sorriso. — Senhorita, não se preocupe. Seu amiguinho está em boas mãos.

— Em boas mãos eu sei que ele não está — afirmou Fred, antes que Aurora se pronunciasse.

— Ótima maneira de acalmá-la, querido irmão! — Knox soltou uma alta risada. — Ainda bem que não preciso de você para dar conselhos ou acalmar alguém, me ajudará com algo bem maior.

— Não o ajudarei com nada! Boa sorte vivendo em uma dimensão paralela — ironizou o escritor, e voltou-se para Aurora ajudando-a se levantar.

Os jovens deram as mãos, seguindo rumo ao buraco negro. Charlie foi o primeiro a entrar, puxando Frederick consigo em visível urgência.

O escritor via o próprio espaço aproximar de si; pó estelar girava a sua volta, mas algo o impedia de seguir adiante. Aurora tinha parado na entrada do círculo de energia.

— Robbie, eu o amo — murmurou ela, logo entrando no portal circular. Tudo escureceu ao redor de Fred, como se estivesse em um grande vazio, e, nesse momento, se viu sozinho. Não sentia o toque dos outros segurando suas mãos, em uma sensação um tanto desesperadora de não poder fazer mais nada. Seu corpo endurecia, parecia estar envolto em pedra... ou melhor, porcelana. Não conseguia se mover, e pensava consigo mesmo se realmente tinha encontrado a saída.

## Capítulo 19

Fredderick viu uma fresta de luz branca surgir diante de seus olhos, que aumentava a cada segundo.

— Ele está vivo! — O escritor ouviu uma conhecida voz masculina bem próximo de si, além de batidas da superfície que o contornava. — Ele conseguiu voltar, mãe! Vamos... me ajude a quebrar a porcelana!

Segundos depois, Fred sentiu-se cair sobre um gelado piso de madeira encerada, erguendo o rosto para olhar quem estava à sua frente. Patrick Knox, o olhava esboçando um sorriso e estendendo a mão para que se levantasse; ao seu lado, Matilde a olhava com feições preocupadas.

— Sabia que conseguiria! — Afirmou Knox, puxando uma cadeira para que Biersmich se sentasse. — Agora, só devemos esperar mais um pouco... meu irmão e Suzan chegarão logo!

Fred olhou ao redor, reconhecendo o laboratório de Patrick e logo vendo Charlie Tateando-se para verificar se ainda estava vivo. Ele não era uma criança, no entanto, parecia beirar os dezoito anos.

— Temos que esperar Aurora. Ela já deve estar chegando — disse o jovem, esboçando um largo sorriso e seguindo até o boneco de Josef no canto da sala. — Que legal! Éramos bonecos o tempo todo?

— Sim — respondeu Patrick, em visível impaciência.

— Seria interessante se voltássemos de uma forma que não danificasse a porcelana, assim nos veríamos e... — A expressão de Charlie logo tomou-se de preocupação, e ele voltou o olhar para o cientista e Matilde ao lado. — Quanto tempo passei na outra dimensão?

— Mais de cem anos. — Knox falou e levantou-se, seguindo até a boneca de Suzan ao lado de Josef. — Espero que estejam bem...

— Eles não voltarão — interveio Fred. — Eles te enganaram.

— Está mentindo — negou Patrick, pousando o ouvido sobre a porcelana e ouvindo uma ofegante respiração ao interior. — Veja, Suzan chegou!

O cientista pegou um pequeno martelo sobre a mesa ao centro do local, seguindo em leves batidas sobre a boneca; a cada rachar a esperança do cientista aumentava junto com a necessidade de as afirmações do escritor estarem erradas.

Aurora revelou-se, indo enfraquecida de encontro ao chão. A viagem sugou-lhe as energias, na busca por um *recipiente* que a coubesse; sua boneca original era pequena demais, e, enquanto vagava pelo espaço vazio, algo na mente da jovem impediu-a de retornar na forma infantil. A *casca* vazia de Suzan serviu como um redirecionamento.

— Isso não pode ser verdade. — Patrick levou as mãos aos cachos loiros, enquanto caminhava de um lado para o outro. — Por que ele faria isso?

— Porque ele tinha planos para mim — respondeu Fred. — Lembra-se do outro irmão que tinha? Não achou estranho, desde o início, alguém com o mesmo nome vir para *Cidadoll*?

— Coincidência. Tentei pensar ser apenas uma coincidência. Mas... — Knox interrompeu-se, parando diante do boneco do irmão. — Eu acreditei em você, Josef!

Em um ato de fúria, o cientista empurrou-o fortemente ao chão, deixando que se partisse em inúmeros pedaços.

Aurora, aérea a tudo que acontecia, só conseguia pensar em uma forma de libertar Robbie. Ela seguiu até uma cadeira, onde sentou-se ao lado de Charlie.

— Eu vi algo familiar em seu olhar, mas não pude acreditar — pronunciou-se Tilde, com a voz levemente embargada. — Me disseram que estava morto, meu filho!

Os olhos dela marejaram, e ela seguiu até Fred, estreitando-o nos braços em um abraço repleto de ternura.

— Perdoe-me por ter lhe deixado sozinho — continuou ela. — Eu deveria ter acreditado em seu pai.

— Tudo está resolvido agora — disse Fred, apesar de ainda haver borrões em sua memória. — Preciso voltar para Londres, explicar para Tânia tudo isso que me ocorreu ou, pelo menos, a parte compreensível.

Tilde assentiu, esboçando um sutil sorriso emocionado. Patrick, aos fundos do laboratório, guardava um pedaço de porcelana em uma das prateleiras da estante de madeira.

— Resolva sua vida, Fredderick! Escreva seu livro, converse com a sua mãe adotiva — falou Knox, retirando da gaveta abaixo o pequeno caderno do

escritor. — Eu garantirei que Josef jamais retorne!

\*\*\*

O carro parou diante da mansão, abaixando o vidro da janela da frente e revelando o mesmo motorista que o levou na cidade. O homem colocou as malas de Fred no porta-malas e esperou-o abraçar cada um que estava diante do portão, em uma rápida despedida; o único que não se encontrava ali era Patrick, que preferiu ficar no laboratório.

— Vai descobrir como salvar Robbie — afirmou ele para Aurora, logo voltando-se para Charlie. — Descobrirá muitas coisas que surgiram nesses cem anos que lhe passaram.

Antes que Fred falasse algo para Tilde, ela interrompeu-o abraçando o filho por mais uma vez.

— Vamos? — O motorista chamou, olhando para fora da janela do carro.

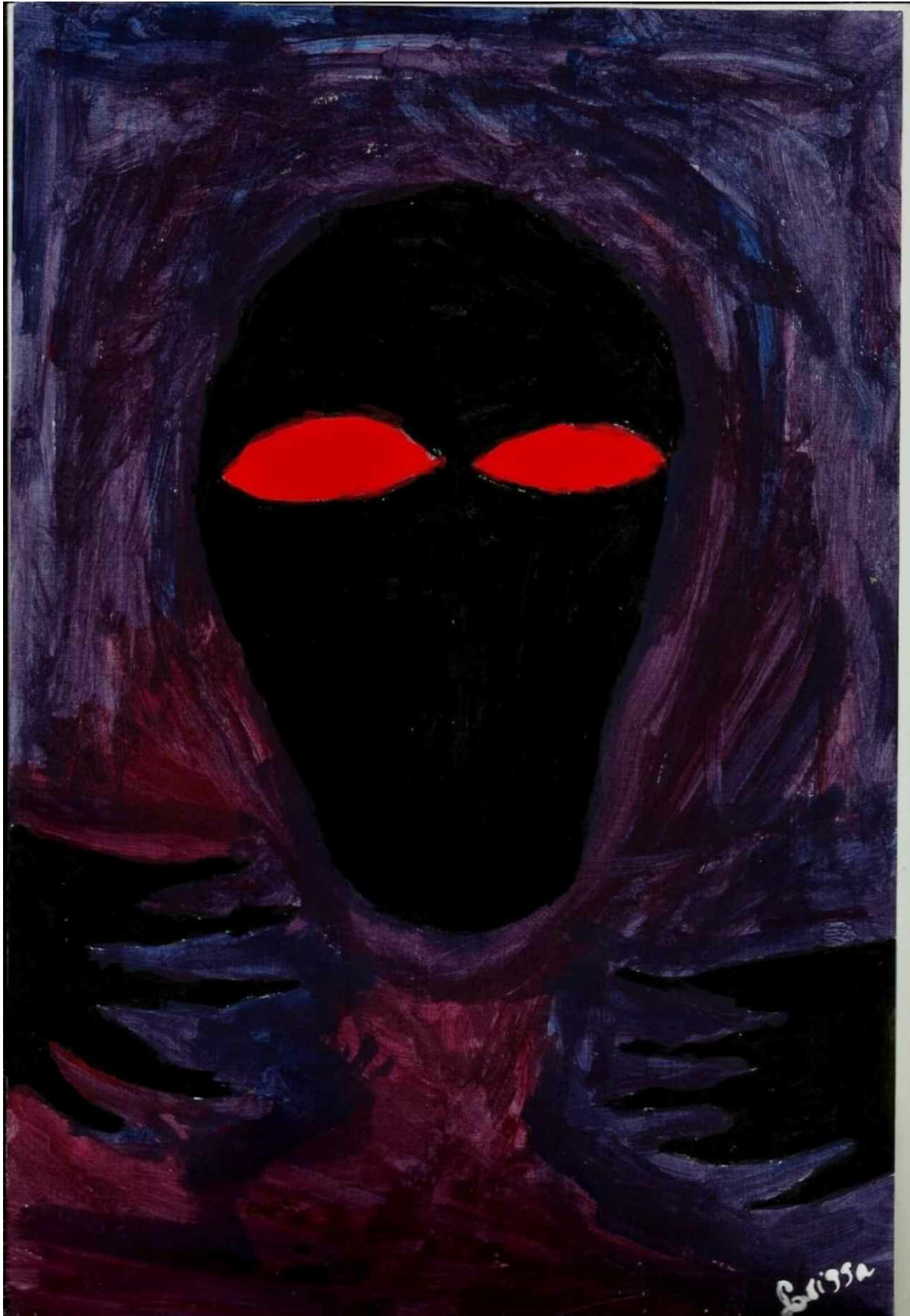
O escritor assentiu e seguiu para o veículo, sentando no banco de trás. Nem ousaria tentar abrir a janela emperrada como da última vez; riu sozinho ao lembrar do seu sufoco.

— Eu sei que ainda voltarei — murmurou Fred, deixando-se largar no banco enquanto sentia o movimento de que já estavam seguindo.

— Foi uma viagem e tanto, não é? — Os olhos castanho escuros do homem fitaram-no pelo retrovisor.

— Eu encontrei minha família.

— Não tem coisa melhor do que descobrir suas origens — afirmou o homem, esboçando um leve sorriso ladear antes de voltar a atenção para a estrada.





## Epílogo

O arame farpado envolvia o pescoço de Robbie em várias voltas, fazendo o sangue escorrer por suas roupas, até formar uma grande poça no chão. A tentativa de desenrolar o ferro que perfurava sua pele só fazia com que o jovem cortasse as mãos, deixando-as em carne viva.

— Pobre garoto... — ironizou Josef, ao lado do jovem. — Se sacrificou pelos seus amigos! Aposto que já devem ter se esquecido de você. Estão comemorando a volta para a vidinha normal deles.

Robbie abriu a boca para se pronunciar, mas a dor do arame que afundava em sua garganta o fez calar-se.

— Apesar que... Aquela lá! A... A... Aurora! Sim, esse é o nome dela. Disse que te ama! — continuou Knox, rindo sarcasticamente. — Será que ela sabe o seu segredinho?

Ao ouvir a fale dele, os olhos do jovem se arregalaram em espanto. Não esperava que seu passado viesse atormentá-lo naquele momento. Não esperava que visse atormentá-lo naquele lugar.

# O zodíaco em Cidadolls

## **Fredderick Biersmich**

Virgem – As janelas emperradas e bancos empoeirados do carro da viagem para ele foi um sufoco, principalmente em um trajeto tão longo! Gosta da ordem e da organização, o que dificultou um pouco as coisas para ele na outra dimensão. No entanto, apesar de ser um lugar onde até a mente se mostra bagunçada, Fred conseguiu organizar até mesmo uma de suas memórias.

## **Josef e Patrick Knox**

Gêmeos – Cada um representando um lado diferente da moeda, uma personalidade diferente do signo sem deixar o sarcasmo característico de lado.

**Patrick Knox:** Sério e centrado, de discretas demonstrações sentimentais. Quando está em um bom humor, as brincadeiras são sutis. A mente do cientista funciona no lado da lógica, racional e sempre busca ver como a ciência pode resolver tudo.

**Josef Knox:** De humor ácido e caótico, traz à tona tudo o que sente de forma explosiva. Quando de bom humor, faz brincadeiras repletas de acidez e sentidos. Sua mente funciona mais no lado fantasioso, tentando resolver tudo de forma mais abstrata.

## **Matilde**

Capricórnio – Pé no chão e cuidadora. Sempre zelosa com a família, firme em opiniões e não é de esquecer o que lhe fez mal tão fácil. Apegada com os bens materiais, mantém a decoração de 1915 no casarão.

## **Charlie**

Sagitário – Sempre de bom humor, tentando manter o clima leve até nas piores situações (apesar de se notar o forte e visível medo). Ele se classificaria como a alma mais leve do grupo.

## **Robbie**

Libra – Sempre indeciso e confuso sobre o que realmente é a outra dimensão. Será que está sonhando ou morto? Em outra dimensão ou apenas delirando? Perguntas que sempre rodeiam a mente do jovem.

## **Aurora**

Aquário – Espírito livre e indomável. A única coisa que a prendeu na outra dimensão foi o senso de justiça e vontade de encontrar o amigo,

fazendo-a ficar em uma eterna busca. No entanto, mesmo assim tal procura foi em um bosque aberto e não em uma casa fechada.

## **Susan**

Escorpião – Ardilosa e decidida do que quer. Para conseguir o que almeja, não hesita em usar todas as cartas na manga mesmo que isso inclua ferir os sentimentos de alguém.

